

# **25º Plano da Ação Evangelizadora**

## **Arquidiocese de Maringá**

***“Aumente o espaço de sua tenda, estenda sem medo a lona,  
estique as cordas, finque as estacas”. (Isaías 54, 2)***

## **Coordenação Geral:**

Dom Frei Severino Clasen  
Arcebispo Metropolitano de Maringá

## **Equipe de Preparação e Condução da Assembleia:**

Pe. Marcos André de Oliveira, Coordenador da Ação Evangelizadora;  
Pe. Genivaldo Ubinger, Coordenador da Ação Evangelizadora no início da Assembleia;  
Pe. Israel Zago, Representante da Pastoral Presbiteral;  
Cleusa Aparecida Rodrigues Garcia, Representante do Conselho Nacional do Laicato da Arquidiocese;  
Irmã Maria Aparecida da Silva, Representante da Conferência dos Religiosos do Brasil;  
Irmã Marcella Dias de Lima, Convidada;  
Diácono Jorge Yamashita, Representante da Comissão Arquidiocesana dos Diáconos;  
Érica Daiani Mauri, Representante da Comissão de Formação;  
Eliane Suzi de Alemar Camilo, Representante das Regiões Pastorais;  
Carlos Henrique Bredariol Batista, Representante da Juventude;  
Camilo Aniceto Ferracioli e Solange Marques Domingos, Secretários da Ação Evangelizadora.

Capa: Diácono Anselmo José Frugério

# SUMÁRIO

|                                                                                                                        |    |
|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| Apresentação.....                                                                                                      | 5  |
| Oração .....                                                                                                           | 7  |
| 1ª PARTE - VER .....                                                                                                   | 9  |
| Arquidiocese de Maringá: olhando para a situação da igreja<br>no contexto de nosso tempo.....                          | 9  |
| Resumo do Relatório do IBGE relativo à Arquidiocese de Maringá...                                                      | 24 |
| Relatório da Pesquisa quantitativa por demanda:<br>Perfil da liderança.....                                            | 26 |
| Relatório da pesquisa com os presbíteros, diáconos, religiosos<br>e religiosas.....                                    | 30 |
| Relatório da Pesquisa com os Presbíteros .....                                                                         | 30 |
| Relatório da Pesquisa com os Diáconos .....                                                                            | 32 |
| Relatório da Pesquisa com os Religiosos e Religiosas.....                                                              | 33 |
| Relatório das Atividades e Estruturas Paroquiais .....                                                                 | 34 |
| 2ª PARTE - DISCERNIR .....                                                                                             | 40 |
| Fundamentos bíblicos para a sinodalidade .....                                                                         | 40 |
| Concílio Vaticano II: a hora de lançar um olhar mais apurado<br>sobre a Igreja.....                                    | 45 |
| Perspectiva Histórica da Evangelização a partir dos Leigos e<br>dos Planos de Pastoral na Arquidiocese de Maringá..... | 50 |
| Novas Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no<br>Brasil: Instrumento de Trabalho .....                   | 56 |
| O Vento do Vaticano II e a Continuidade Profética em Francisco<br>e Leão XIV .....                                     | 58 |

|                                                         |     |
|---------------------------------------------------------|-----|
| 3º PARTE - AGIR.....                                    | 62  |
| Objetivo Geral.....                                     | 62  |
| Prioridades.....                                        | 62  |
| Prioridade: Iniciação à Vida Cristã .....               | 63  |
| Prioridade: Juventudes.....                             | 69  |
| Prioridade: Formação continuada de leigos e leigos..... | 79  |
| Cronograma.....                                         | 90  |
| Orientações.....                                        | 90  |
| Planos Paroquiais .....                                 | 90  |
| Anexos .....                                            | 93  |
| Caminhos da Missão .....                                | 93  |
| 1 - ANIMAÇÃO BÍBLICA DA VIDA E DA PASTORAL .....        | 93  |
| 2 - INICIAÇÃO À VIDA CRISTÃ .....                       | 94  |
| 3 - COMUNIDADES DE DISCÍPULOS MISSIONÁRIOS.....         | 97  |
| 4 - LITURGIA E PIEDADE POPULAR.....                     | 105 |
| 5 - SERVIÇO À VIDA PLENA PARA TODOS.....                | 107 |

# APRESENTAÇÃO

“E o Verbo se fez carne e armou a sua tenda entre nós, cheio de graça e de verdade” (Jo 1,14)

Com espírito de fé, comunhão e esperança, apresentamos o Plano da Ação Evangelizadora da Arquidiocese de Maringá, fruto de um caminho de oração, escuta, discernimento e participação das comunidades, paróquias, pastorais, movimentos, serviços e organismos eclesiais. Este instrumento pastoral expressa a caminhada de nossa Igreja Particular e indica as prioridades que orientarão a ação evangelizadora nos próximos anos, em sintonia com o Evangelho, o Magistério da Igreja e as Diretrizes da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil – CNBB.

O presente Plano da Ação Evangelizadora nasce da convicção de que somos uma Igreja chamada a viver cada vez mais a sinodalidade, como expressão concreta de comunhão, participação e missão. Caminhar juntos significa reconhecer a ação do Espírito Santo na vida do Povo de Deus, valorizar os diversos dons e carismas presentes em nossas comunidades e fortalecer a corresponsabilidade de todos os batizados na construção de uma Igreja evangelizadora e missionária.

A comunhão e a unidade constituem valores essenciais para a vida e a missão da Igreja. Somos uma única família de fé, reunida em torno de Cristo, chamada a testemunhar a fraternidade e a esperança. Nesse sentido, reafirmamos a importância da pastoral de conjunto, superando ações isoladas e fortalecendo a integração entre pastorais, movimentos, associações e novas comunidades. A evangelização exige unidade de propósitos, convergência de esforços e espírito de colaboração, para que nossas ações expressem a riqueza da diversidade e a força da comunhão eclesial.

Entre as prioridades assumidas por nossa Arquidiocese, ocupa lugar especial a evangelização da juventude. Os jovens são presença viva e necessária na Igreja e na sociedade. Queremos acolhê-los, acompanhá-los e oferecer-lhes caminhos de formação humana, espiritual e missionária, ajudando-os a encontrar em

Jesus Cristo o sentido pleno de suas vidas e a responder generosamente ao chamado de Deus.

Destacamos igualmente a centralidade da Iniciação à Vida Cristã (IVC), que se apresenta como um dos grandes desafios e urgências pastorais de nosso tempo. Somos convidados a promover processos permanentes de evangelização que conduzam ao encontro pessoal com Jesus Cristo, ao amadurecimento da fé e à inserção consciente e ativa na vida da comunidade eclesial.

Nesse contexto, a formação dos leigos e leigas assume importância fundamental, fortalecendo sua vocação e missão como discípulos missionários nos diversos ambientes da sociedade.

A liturgia, fonte e ápice da vida da Igreja, merece atenção e cuidado. Nossas celebrações devem manifestar a beleza do mistério de Deus, favorecer a participação consciente e frutuosa dos fiéis e alimentar a espiritualidade de nossas comunidades.

Incentivamos a leitura orante da Bíblia, os grupos de reflexão, os círculos bíblicos, as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), o cuidado da vida e todas as iniciativas que promovam o conhecimento, a vivência e o testemunho da Palavra em nossas famílias e comunidades.

Este Plano de Pastoral reafirma a plena comunhão da Arquidiocese de Maringá com o Santo Padre, o Papa Leão XIV, sucessor do Apóstolo Pedro e princípio visível da unidade da Igreja. Em sintonia com seu magistério e com as orientações pastorais da CNBB, desejamos fortalecer uma Igreja discípula, missionária, misericordiosa e comprometida com a promoção da dignidade humana, o cuidado da Casa Comum, pois a ecologia integral nos recorda que toda a criação é dom de Deus.

Confiemos este Plano da Ação Evangelizadora à intercessão da Bem-Aventurada Virgem Maria, Nossa Senhora da Glória, Padroeira de nossa Arquidiocese de Maringá. Que ela nos acompanhe e inspire para que, fortalecidos pelo Espírito Santo, possamos viver a comunhão, aprofundar a missão e anunciar com renovado ardor a alegria do Evangelho para a salvação em Jesus Cristo, nosso Redentor.

Dom Frei Severino Clasen  
Arcebispo de Maringá

# ORAÇÃO

Pai Santo e misericordioso,  
nós Vos louvamos e agradecemos porque, em vosso infinito amor,  
enviastes ao mundo vosso Filho Jesus Cristo,  
que armou sua tenda entre nós e veio morar em nosso meio,  
revelando-nos o caminho da salvação, da comunhão e da paz.  
Senhor Jesus, assim como sois um com o Pai,  
fazei de nossa Arquidiocese uma Igreja unida na fé,  
na esperança e na caridade.

Que nossas comunidades, paróquias, pastorais, movimentos e  
serviços caminhem juntos, fortalecidos pela comunhão e pela  
corresponsabilidade missionária, testemunhando ao mundo a  
beleza do Evangelho.

Espírito Santo, luz e força da Igreja,  
iluminai a implementação de nosso Plano da Ação Evangelizadora.  
Concedei-nos sabedoria para discernir os caminhos da missão,  
coragem para enfrentar os desafios de nosso tempo  
e generosidade para servir com alegria o povo que nos foi confiado.  
Fazei de nossa Igreja Particular uma Igreja missionária,  
capaz de anunciar Jesus Cristo com entusiasmo renovado;  
uma Igreja acolhedora, que abra suas portas e seu coração a todos;  
uma Igreja samaritana, que se aproxime dos pobres, dos enfermos,  
dos sofredores e dos que mais necessitam de cuidado, consolo e  
esperança.

Que a Palavra de Deus ilumine nossos passos,  
a Eucaristia fortaleça nossa caminhada  
e a caridade seja o sinal visível de nossa fé.

Sob a proteção da Virgem Maria, Mãe da Igreja,  
ajudai-nos a viver em unidade, a perseverar na missão  
e a construir comunidades vivas, fraternas e evangelizadoras.  
Amém!

Dom Frei Severino Clasen



# 1ª PARTE - VER

Olhamos com atenção para os elementos da realidade eclesial e social que apontam para os desafios da Ação Evangelizadora para os próximos anos.

## **Arquidiocese de Maringá: olhando para a situação da igreja no contexto de nosso tempo**

Agenor Brighenti<sup>1</sup>

- Para “ver” a realidade da Arquidiocese de Maringá de maneira mais profunda, implica situá-la em contexto mais amplo, global. Para isso, é preciso discernir os novos sinais dos tempos, em um mundo que passa por profundas transformações, que afetam todas as esferas da vida humana e o planeta. Também a experiência religiosa, incluída a Igreja, passa por profundas transformações. Em tempos de travessia, que precisamos fazer dele um tempo pascal, impõe-se escutar e escutar os apelos do Espírito nos clamores da humanidade, que nos desafiam a olhar para frente e a contribuir com um futuro crescentemente melhor.
- Conhecer a realidade sócio-eclesial é condição para identificar as interpelações do Espírito. Os apelos do Espírito vêm em meio à ambiguidade de acontecimentos, à ambiguidade da história.
- Daí a necessidade de continuamente discernir os “sinais dos tempos”, apoiando-nos também na mediação das ciências e fazendo um discernimento comunitário, enquanto Igreja, que é sempre um discernimento no Espírito.
- É importante conhecer o mundo para conhecer melhor a situação

---

<sup>1</sup>Presbítero da Diocese de Tubarão, SC. Doutor em teologia pela Universidade Católica de Louvain/Bélgica. Atualmente, é Coordenador da Equipe de Reflexão Teológico-Pastoral do CELAM, Assessor teológico da CEAMA, Coordenador do processo de elaboração do Rito Amazônico e Professor no Instituto Bíblico-Teológico Pastoral do CELAM. Foi perito nas Conferências de Santo Domingo e Aparecida e nos Sínodos da Amazônia e da Sinodalidade. Autor de dezenas de livros e de centenas de artigos.

da Igreja e, para que ela, por sua vez, por sua ação, impacte o mundo, isto é, contribua com sua transformação, pois “evangelizar é tornar presente o Reino de Deus no mundo” (EG n. 176). D. Bonhoefer: “temo que os cristãos com um só pé na terra, estejam também com um só pé no céu”. Para Medellín, “todo compromisso pastoral brota de um discernimento da realidade” (Med 15, 36). Evangelizar implica uma dupla fidelidade: ao Evangelho e à realidade: “se ignoramos, não evangelizamos” (Pedro Casaldáliga). – Há dois níveis de análise. Em um primeiro momento, para não perder de vista o “real da realidade”, é importante partir dos fatos, dos indicadores sociais, dos sintomas, que é uma análise conjuntural. Entretanto, a partir da “conjuntura”, em um segundo momento, é preciso fazer uma análise mais profunda, ir às raízes dos acontecimentos, que é uma análise estrutural, que vai às causas, às raízes dos fatos identificados.

### 1. Sintomas da conjuntura atual

Para uma análise da conjuntura na qual esteja implicada a Igreja, é importante distinguir dois âmbitos distintos de análise: começar pelo *âmbito social* (mundo), no qual não somente a Igreja está situada, como também ela faz parte dele (não é o mundo que está na Igreja, mas é a Igreja que está no mundo; o mundo é constitutivo da Igreja e existe para ser sacramento de salvação nele); em seguida, vem o *âmbito religioso/eclesial*, que está sempre sob o impacto da realidade social, o que explica muito da situação da Igreja.

#### 1.1. Algumas características da conjuntura social

Algumas características marcam este tempo de profundas transformações, *um tempo de passagem*, que se pode fazer dele um tempo pascal, um começo novo, um nascer de novo, condição para um futuro crescentemente melhor. Vejam algumas:

– *A passagem do capital para uma sociedade do conhecimento*. No campo econômico, a nova revolução é o advento de uma sociedade do conhecimento. Estamos em uma outra fase do capitalismo, na qual, a verdadeira propriedade já não é o capital, mas a propriedade do

conhecimento. Com isso, mergulhamos na era do acesso, do acesso à informação, ao conhecimento. O poder, já não está nas mãos de donos de capital ou dos meios de comunicação, mas daqueles que produzem conhecimento e informação. Na aurora da modernidade, os laboratórios substituíram as universidades; hoje, elas se tornaram laboratórios de um saber que se faz poder – a tecnociência. Neste contexto, os novos excluídos são os não-conectados, os que não têm acesso ao conhecimento.

– *A passagem da sociedade à multidão.* A irrupção do pluralismo e a legitimação das diferenças contribuíram para a autonomia dos sujeitos frente às instituições. Na medida em que as pessoas individualizadas e dispersas internalizam as decisões, as *instituições são esvaziadas* e perdem o controle da normatização da sociedade. O controle vem de dentro de cada um. Com isso, dá-se a passagem da sociedade para a multidão. O conceito de “povo” é substituído pelo conceito de “multidão”, entendida esta como os sujeitos autônomos, dispersos, constituindo como que “*comunidades invisíveis*” ou virtuais. É a falência do “contrato social”, na medida em que entra em xeque o conceito de organização social. A multidão marca o fim da era dos “líderes” ou de pessoas referenciais. A responsabilidade é transferida para o coletivo, mas conformado por *indivíduos dispersos*, ainda que não necessariamente isolados, pois são parte integrante da era do acesso.

– *A passagem do estático à inovação constante.* Na atual fase do capitalismo, os dividendos e o acúmulo dos ganhos da produção, fruto de tecnologias cada vez mais eficientes, não são distribuídos, mas aplicados na *criação de novas tecnologias*, cada vez mais avançadas. A última invenção sai no mercado com seus dias contados. É o mundo do provisório, do passageiro, do descartável e do efêmero. Diante da sensação de que nada é para sempre, entra em xeque o conceito de compromisso para a vida toda, de perenidade, de perseverança, de persistência. Há uma redução da esperança e o encolhimento da *utopia ao momentâneo*.

– *A passagem do social ao cultural, a uma sociedade pós-social.* Com o advento da modernidade, no contexto da primeira

ilustração, deu-se a passagem do religioso ao político, com o aparecimento do conceito de Estado, soberania, nação, povo, partido político, etc. Depois, no contexto da segunda ilustração, deu-se a passagem do político ao social, com o surgimento do conceito de classe, movimentos sociais, direitos sociais, sujeitos sociais, etc. Hoje, dá-se a passagem do social ao cultural, com a emergência do indivíduo, para além das instituições - o indivíduo *hiper-narcisista, hiper-individualista e hiper-consumista*. Este é um dos principais fatores da passagem da sociedade à multidão.

– *A passagem da escassez para a abundância, que produz pobreza.* Pela primeira vez na história da humanidade, não há o perigo da escassez: a abundância venceu a escassez. Entretanto, também pela primeira vez, a pobreza é produzida pela riqueza. Hoje, há escassez porque a riqueza de poucos se alimenta da escassez da maioria. Mais que ontem, os pobres são “empobrecidos”, em seus múltiplos rostos – negros, índios, mulher, criança, idoso, estrangeiro, etc.

– A passagem da estabilidade a uma sociedade do risco. As profundas, rápidas e constantes transformações nos inserem numa sociedade do risco e do medo. Ninguém está seguro, pois ronda continuamente o fantasma da instabilidade, que gera medo. O sistema se nutre de pessoas submissas ao medo da escassez, da violência, da doença, etc. O medo, enquanto paralisa e acovarda, é hoje o principal fator de submissão a uma ordem injusta e excludente. Sem falar que o medo é também um dos produtos mais rentáveis do capitalismo.

– A passagem do convívio harmônico à exploração predatória da natureza. A civilização industrial e a sociedade de consumo são as principais responsáveis pela atual crise ecológica, que por sua gravidade e consequências, se impõe como uma questão central e primeira. O consumismo-mercantilismo-tecnocracia colocaram em risco a vida humana e seus ecossistemas (LS 209). O aquecimento global é um alarme que impõe “um começo novo” (LS 207). Há um consumismo desenfreado dos bens do planeta, como se vivêssemos os últimos dias de vida. O mercado ignora a urgência e os apelos por uma vida austera e respeitosa dos limites da natureza.

É insustentável o comportamento daqueles que consomem cada vez mais, enquanto outros se batem pela sobrevivência (LS 193). A interdependência dos ecossistemas obriga-nos a pensar num único mundo, num projeto comum: “o livro da natureza é uno e indivisível” (CA 51).

## 1.2. Algumas características da conjuntura religiosa/eclesial

– A passagem das religiões a uma experiência religiosa imanentista. Contra todo diagnóstico, a racionalidade funcional e técnica, regida pela produtividade e o lucro, deixou sem resposta as questões ligadas à vida. Em sua esteira, veio o retorno do religioso. Ele não se deve às religiões institucionais, mas à irrupção de uma religiosidade eclética e difusa. Também no campo da experiência religiosa, constata-se a autonomia dos sujeitos em relação às instituições, deslocando as decisões em matéria religiosa para a esfera da subjetividade. É a irrupção do religioso, com generosa oferta de crenças, numa espécie de “mercado do religioso”. Hoje, a experiência religiosa é cada vez menos fator de “sentido”, de identidade ou de enraizamento e, cada vez mais, porto de certezas, que se exprime em prosperidade material, realização afetiva e saúde física. O retorno do religioso não é, necessariamente, a volta do sagrado.

– A passagem do profético para o terapêutico e do ético para o estético. Na Igreja, há um deslocamento da militância para a mística na esfera da subjetividade individual, do profético para o terapêutico e do ético para o estético. Neste contexto, a mídia contribui para a banalização da religião, não só reduzindo-a à esfera privada, como a um espetáculo para entreter o público. Trata-se de uma “estetização presentista”, propiciadora de sensações “intranscendentes”, espelho das imagens da imanência. Uma mescla de profissão de fé a afirmação narcisista, típicas de um sujeito ameaçado. Também a religião passa a ser consumista, centrada no indivíduo e na degustação do sagrado, entre a magia e o esoterismo. A religião, hoje, adquire um senso imediato e pragmático, ligada à magia, à cura, ao exorcismo, à bênção, etc. Uma religiosidade muito pouco exigente do ponto de vista ético,

mas muito eficiente no nível místico em termos de júbilo, êxtase, catarse e emoção.

– A passagem da pertença institucional aos “cristãos sem Igreja”. A “religião sem religião” ou os “cristãos sem Igreja” acenam para o resgate da experiência religiosa como experiência do sagrado, para além da absolutização das mediações da religião ou sem as inumeráveis barreiras da autoridade institucional. Trata-se de sujeitos colapsados e vulneráveis, órfãos de Igreja e de sociedade, vivendo a transcendência, para além do controle e da posse das instituições religiosas, na perspectiva da promessa e do dom, da alteridade e da gratuidade.

## 2. Transformações estruturais geradoras dos sintomas conjunturais

Mudanças sempre aconteceram na história da humanidade. O que há de diferente nos tempos atuais é que profundas transformações se dão em todos os âmbitos da vida humana e da sociedade, que mergulham-nos num tempo de travessia, de crise, crise que acrisola e desafia-nos a um novo nascimento.

### 2.1. Transformações estruturais no âmbito social:

#### *A crise do projeto civilizacional moderno*

– Por um lado, a modernidade é a responsável pelas maiores conquistas da humanidade, mas, por outro, como testemunham os escombros do Muro de Berlim e das Torres Gêmeas, também pelas maiores frustrações da história.

– Não há como negar ou renunciar seus grandes valores como liberdade, igualdade, solidariedade, ciência, democracia, autonomia, subjetividade, etc. Entretanto, das grandes promessas da modernidade, restou o gosto amargo do presente. O domínio da razão técnica-instrumental levou aos totalitarismos da razão, da técnica e do capital. Levou as ciências a se tornarem mais próximas do poder do que da verdade. O totalitarismo do capital fez do consumismo, no seio do capitalismo tido como o fim da história, um risco para a vida humana e seus ecossistemas, assim como para o planeta.

– Ao lado das grandes conquistas e valores irrenunciáveis da modernidade, de seus grandes edifícios, espelhos da onipotência do ser humano, restam escombros: “tudo o que é sólido se desmancha no ar”, levando à “vertigem do ser”, à sociedade do desencanto, a um sentimento de orfandade, a um sujeito débil, com aguda consciência de sua própria vulnerabilidade. Na esteira do colapso da catedral da cristandade veio a implosão dos arranha-céus da Ilustração.

– E, historicamente, proporcionalmente ao avanço do ter, foi se manifestando a depressão do ser, como atesta o grande contingente de pessoas frustradas, angustiadas, depressivas, em busca de auto-ajuda. A irrupção da dimensão terapêutica da religião é sintoma da anemia espiritual de nosso tempo.

*Frente a crise, há diferentes reações:*

– Negativamente, a crise gera: medo (que exagera o perigo, cria monstros); perplexidade (fica-se sem entender o que se passa ou qual a saída); insegurança (sem saber que caminho seguir); angústia (pessoas desesperançadas, depressivas, solitárias, doentes)...

– E, positivamente, a crise desafia um novo nascimento (crise acrisola); impõe a urgência de arriscar (coragem); desperta a criatividade (lançar-se a criar o novo); desafia a sonhar (com um mundo crescentemente melhor).

*Três visões distintas da crise da modernidade, que levam a projetos históricos distintos:*

– Uma visão retrospectiva da realidade: busca-se uma saída olhando pelo retrovisor - faz do passado que deu certo um refúgio e procura prolongar o passado no presente; em meio à instabilidade que uma crise sempre gera, busca-se segurança a todo preço e se acaba apostando no tradicionalismo e no fundamentalismo. É uma crítica à modernidade enquanto “anti-modernidade”; uma crítica não simplesmente à exasperação dos valores da modernidade, mas a seus pressupostos e teses, concebidos como anti-valores. Para esta postura, diante da encruzilhada do projeto civilizacional moderno é preciso olhar para trás e não perder de vista a longa, estável e harmoniosa civilização pré-moderna, medieval.

– Uma visão catastrófica da realidade: busca-se uma saída olhando-se no espelho – como o passado já passou e futuro não haverá, resta viver o presente, resignados ao pragmatismo do cotidiano. Dado que o passado perdeu relevância e o futuro é incerto, o corpo é a única referência da realidade presente, deixando-se levar pelas sensações, apostando, como segurança, no emocionalismo. É uma crítica à modernidade na perspectiva de uma “pós-modernidade”. A modernidade foi um mito que ruiu, gerando o desencanto, que desconstrói os metarrelatos e as cosmovisões. O projeto civilizacional moderno chegou a um beco-sem-saída, esgotou a capacidade de criar outro mundo. É toda uma civilização que chegou ao fim. Em lugar de preencher este vazio com velhos deuses e velhos valores, resta agarrar-se no presente.

– Uma visão prospectiva da realidade: busca-se uma saída, olhando para o futuro - na fidelidade aos novos desafios do presente e alicerçados na experiência do passado, procura-se projetar a partir do hoje um amanhã, crescentemente melhor. Faz uma crítica à modernidade enquanto “modernidade tardia”. Sem perder de vista seus valores e sem renunciar a ela, propõe uma re-impostação e ampliação de seu projeto, através da correção de seus excessos e do preenchimento de seus vazios. Diante dos limites da razão técnica-instrumental, é preciso alargar o conceito de razão e de seu uso.

## 2.2. Transformações estruturais no âmbito eclesial

Da crise do projeto civilizacional moderno, com impacto sobre as identidades pessoais, coletivas e institucionais, nem mesmo as religiões milenares foram poupadas.

Impactos da crise do projeto civilizacional moderno sobre a experiência religiosa.

– A suspeita de totalitarismo e da pretensão de absoluto dos metarrelatos, paira também sobre as religiões, metarrelatos por excelência. E na esteira da fragmentação do tecido social, veio também a fragmentação das religiões, do tecido eclesial. Junto à crise da sociedade ocidental, está também uma crise das religiões. A internalização das decisões na esfera da subjetividade individual levou igualmente a um esvaziamento das instituições religiosas.

– Instintivamente, as religiões procuram se defender, seja pela redogmatização da religião, seja pelo entrincheiramento identitário, acirrando ainda mais a sangria de seus adeptos. Nestes tempos de desconstrução, entretanto, a experiência vai mostrando que já de nada vale uma identidade de contornos nítidos, um sistema de controle rígido de seus adeptos ou um repertório de regras doutrinárias, pretensioso de possuir a verdade. Autonomia, subjetividade, alteridade, gratuidade são valores que chegaram para ficar, desafiando também as instituições religiosas a integrá-los, sob pena de tornarem-se obsoletas.

Impacto da crise do projeto civilizacional moderno sobre a Igreja

– A Igreja, depois de lutar durante cinco séculos contra a modernidade, no Vaticano II, reconciliou-se com ela. Mas, desde a primeira-hora, teve a oposição de segmentos conservadores: G. Lefebvre e seu cisma, seguido de tentativas de “reforma da reforma” do Concílio.

– Depois da morte de Paulo VI, teve início um processo de involução eclesial, que se prolongou por três décadas, em que se pretendia corrigir os erros de “interpretação” do Vaticano II. O processo se prolongou até a renúncia de Bento XVI, que foi o desfecho do esgotamento de um projeto de Igreja, marcadamente restaurador da neocristandade (Igreja auto-referencial).

– A ascensão de segmentos conservadores e tradicionalistas no período, com a nomeação de outro perfil de bispo, a inspeção nos seminários e a formação de outro perfil de presbítero, fazem do Vaticano II, hoje, um difícil ponto de chegada, quando pretendeu ser um ponto de partida.

*Três modelos de pastoral inconsequentes com o momento atual*

Os que reagem à crise atual com uma visão retrospectiva da realidade estão atrelados a dois modelos de pastoral pré-conciliares, inconsequentes com a renovação do Vaticano II:

– A pastoral de conservação (de cristandade): centralizada no padre e na paróquia tradicional: massiva, sem vínculos comunitários, sacramentalizadora, com uma marca predominantemente

devocionista e, portanto, providencialista e milagreira (procissões, romarias, novenas, milagres e promessas, práticas típicas do catolicismo popular medieval). O padre é o “sacerdote”, que tem no laicato seus colaboradores; é o homem do culto (altar) e não da Palavra (evangelizador). Neste modelo, o administrativo predomina sobre o pastoral e a sacramentalização sobre a evangelização.

– A pastoral apologética (de neocristandade): é o modelo que teve seu auge no século XIX, quando a Igreja pré-moderna jogou suas últimas cartas no confronto com a modernidade, procurando implantar uma nova cristandade. Nos dias atuais, ela voltou com força, com muito dinheiro e poder, com triunfalismo e visibilidade, guardiã da ortodoxia, da moral católica, da dita “sagrada tradição”. Em uma atitude hostil frente ao mundo, cria seu próprio mundo, uma espécie de “subcultura eclesiástica”, no seio da qual, seus adeptos vestem-se diferente e se combate os diferentes, em típica mentalidade de seita ou gueto. A missa tridentina e os antigos paramentos litúrgicos alimentam seu imaginário, no resgate da pré-modernidade perdida. A fé é profundamente ideologizada: se dizem conservadores, de “direita” e os que têm sensibilidade social são taxados de esquerdistas e, conseqüentemente, são comunistas.

Os que reagem à crise atual com uma visão catastrófica da realidade conformaram um modelo de pastoral imanentista e restrito à busca de respostas imediatas:

– A pastoral de secularista (de pós-modernidade): por sua vez, os que reagem com uma visão catastrófica da realidade frente à crise atual, gestaram uma espécie de pastoral de secularista, restrita ao presente, ao aqui e agora. Neste modelo, há o encolhimento da utopia no cotidiano. Propõe-se responder às necessidades imediatas das pessoas, em sua grande maioria, órfãos de sociedade e de Igreja, integrada por pessoas machucadas, desesperançadas, frustradas, depressivas, sofredoras, em busca de auto-ajuda e habitadas por um sentimento de impotência diante dos inúmeros obstáculos a vencer. É a religião a la carte: Deus como objeto de desejos pessoais, solo fértil para os mercadores da boa-fé, no seio do atual próspero e rentável mercado do religioso. Neste contexto, a mídia contribui para a banalização da religião, reduzindo-a não só

à esfera privada como a um espetáculo para entreter o público.

Em meio à crise, há os que olham para frente, com uma visão prospectiva.

– São aqueles que fizeram do Vaticano II, mais do que um ponto de chegada, um ponto de partida, como frisou Paulo VI no encerramento do Concílio. Estes, já foram maioria, mas hoje são quase minoria. Em muitos lugares, são brasas sob cinzas. Ultimamente, entretanto, sobretudo com o pontificado do Papa Francisco, as chamas voltaram a arder, ainda que tímidas em meio a tantas adversidades. É a Igreja das pequenas comunidades inseridas profeticamente na sociedade, para além do paroquialismo e do universalismo dos movimentos supra-diocesanos; é a Igreja da opção pelos pobres, que faz deles sujeitos de uma sociedade inclusiva e não meros objetos de caridade; é a Igreja sinodal da pastoral orgânica e de conjunto, em processos de planejamento participativo e dos conselhos e assembleias de pastoral; é a superação de uma Igreja auto-referencial, em diálogo ecumênico e inter-religioso; enfim, é a Igreja que busca ser toda ela ministerial, para além do binômio clero-leigos, etc.

– É uma Igreja perplexa, fiel às intuições básicas e eixos fundamentais do Vaticano II e da tradição libertadora, mas que sente que o contexto mudou com a irrupção de novos desafios e de novos valores, que exigem uma “segunda recepção” do Vaticano II no novo contexto.

– É uma Igreja que precisa conjugar: comunidade e autonomia (há uma crise de compromisso comunitário também por conta de comunitarismos); militância e gratuidade (o outro como imperativo ético e o outro como alteridade gratuita); utopia e vida presente (a insustentável utopia concebida como dilatação indeterminada do futuro); objetividade e subjetividade (a veracidade de diferentes versões do mesmo); global e local (o global como volatilização do real da realidade); autoridade e consenso (a verdade como consenso das diferenças no ato comunicativo); etc.

*O resgate do Vaticano II e a radicalização de segmentos conservadores*

– Depois de três décadas de “involução eclesial”, tivemos a grata

surpresa da Conferência de Aparecida, que resgatou o Vaticano II e Medellín. Depois veio a inesperada renúncia de Bento XVI e a eleição de Francisco, quem implementou reformas de estrutura pendentes, assim como universalizou a tradição eclesial libertadora.

– Hoje, a teologia latino-americana volta a recobrar cidadania eclesial. Volta-se a falar de pobres, de pastoral social, de CEBs, de movimentos populares, de teologia da libertação, de Igreja profética; Dom Romero é canonizado, cessa o olhar de suspeição e de punição por parte da Cúria Romana sobre teólogos e teólogas em geral.

– Entretanto, o resgate do Vaticano II e da tradição libertadora foi um espírito e um esforço mais do Papa e do laicato do que do clero, em especial dos bispos. O próprio Papa se viu rodeado de vozes nostálgicas de um passado sem retorno, alguns em oposição aberta ao seu pontificado reformador, inclusive por parte de alguns membros da própria Cúria Romana. Nos seminários, hoje reside o nicho mais conservador e de resistência ao magistério Papa Francisco e do Vaticano II.

– A sinodalidade é mais uma insistência do Papa do que uma aspiração de instâncias outrora sinodais e hoje permeadas de clericalismo de clérigos e de leigos clericalizados. A larga experiência sinodal da Igreja na América Latina sobrevive como “brasas sob cinzas”, nos espaços de resistência e resiliência.

– Em nome de um suposto risco de invasão do comunismo, segmentos fundamentalistas e tradicionalistas, legitimam governos de direita, assim como desqualificam iniciativas da Igreja na perspectiva da renovação do Vaticano II e da tradição eclesial libertadora.

### 3. O rosto da Igreja estampado no Sínodo da Sinodalidade

O Sínodo da Sinodalidade é um bom termômetro para medir o estado atual da Igreja como um todo. A votação de cada parágrafo do Documento Final revelou quais são as questões mais sensíveis e controversas no processo de renovação do Vaticano II, bem como os passos consolidados, que a princípio, não terão volta atrás.

### 3.1. Questões aprovadas, mas sensíveis a determinados segmentos da Igreja

Na Assembleia, os votantes eram 356, dentre os mais de 400 presentes. Todos os parágrafos foram aprovados com mais de 2/3 dos votos, conforme critérios do Regulamento. Chama atenção, entretanto, o conteúdo dos parágrafos que receberam mais votos contrários. Citemos os dez primeiros em ordem decrescente, que revelam as questões mais sensíveis, e que permanecem como fatores de resistência na implementação de uma Igreja sinodal:

1º. N. 60 – As mulheres na Igreja - (97 votos contrários).

- Entre outros se diz: “não há nada que impeça as mulheres desempenhar funções de 8 liderança na Igreja”; “também permanece aberta a questão do acesso das mulheres ao ministério diaconal”.

2º. N. 125 – Conferências Episcopais Nacionais - (45 votos contrários).

- Entre outros se diz: “dar a elas um estatuto teológico e jurídico, que lhe confira competência doutrinal”; “o Bispo diocesano tem um vínculo eclesial com a Conferência Episcopal”, desautorizando uma autonomia total.

3º. N. 27 - Celebração eucarística em estilo sinodal - (42 votos contrários).

- Entre outros se diz: “existe um estreito vínculo entre assembleia eucarística e assembleia sinodal, o que implica adotar estilos celebrativos que manifestem o rosto de uma Igreja sinodal”.

4º. N. 148 – A formação dos ministros ordenados - (40 votos contrários).

- Entre outros se diz: “dar-lhes uma formação que configure um estilo sinodal”; revisar a formação dos seminaristas; formar os bispos na sinodalidade.

5º. N. 92 - Voto deliberativo vinculado ao voto consultivo - (39 votos contrários).

- Entre outros se diz: “na Igreja, a deliberação precisa ter a contribuição de todos; esclarecer a distinção e a articulação entre voto consultivo e voto deliberativo”.

6º. N. 136 – Sínodo dos Bispos mais sinodal - (37 votos contrários).

- Entre outros se diz: “o Sínodo dos Bispos, ainda conservando seu caráter episcopal, pode ter a participação de outros membros do Povo de Deus; assumir o exercício da autoridade episcopal de modo relacional, sinodal”.

7º. N. 126 – Assembleias Eclesiais Continentais - (32 votos contrários).

- Entre outros se diz: Dar um estatuto teológico e canônico às Assembleias Eclesiais Continentais: “elas representam uma novidade significativa; põem em relevo o valor de um grande território sociocultural”.

8º. N. 22 – O exercício do *sensus fidei fidelium* - (28 votos contrários).

- Entre outros se diz: “todos os fiéis possuem um instinto para a verdade do Evangelho, chamado *sensus fidei*”; “por isso, a Igreja tem a certeza de que o santo Povo de Deus não pode errar na fé”. “Está unido ao discernimento dos Pastores”, mas não exclusivamente.

9º. N. 104 – Assembleia e Conselho Pastoral obrigatórios - (26 votos contrários).

- Entre outros se diz: “Uma Igreja sinodal baseia-se na existência destes órgãos de participação”; “por esta razão devem ser obrigatórios, como exigido em todas as etapas do processo sinodal”.

10º. N. 94 – Implementação sinodal dos processos de decisão - (25 votos contrários).

- Entre outros se diz: “implementar processos de decisão numa perspectiva participativa, através dos órgãos de participação”; “caberá às Igrejas Locais encontrar meios adequados para implementar estas mudanças”.

### 3.2. Passos consolidados

O Documento Final registra a consolidação de passos importantes no processo de recepção do Vaticano II, agora, uma vez mais, reafirmados e recomendados:

1º. A consolidação da eclesiologia do Vaticano II: a Igreja como Povo de Deus, sujeito comunitário e histórico, e como “Igreja de Igrejas”

Locais. Fica para trás terminologias como: “Igreja particular”, parcela de uma suposta Igreja universal, agora designada “Igreja Local”; e “Igreja universal”, supostamente anterior e exterior às Igrejas Locais, agora designada “Igreja inteira”, superando todo resquício de universalismo.

2º. A Igreja é por natureza, constitutivamente sinodal, o que significa ser Igreja-comunhão e participação nas relações e em sua configuração histórica, particularmente em suas estruturas.

3º. A Igreja como sacramento do Reino de Deus (seu gérmen e princípio); evangelizar não consiste em implantar a Igreja ou trazer fiéis para dentro dela, mas em “tornar presente o Reino de Deus no mundo” (EG 176). Fica para trás o eclesiocentrismo, uma Igreja auto-referencial, o modelo típico da cristandade.

4º. O Batismo como fonte de todos os ministérios, base para uma cultura eclesial marcadamente laical, para uma Igreja toda ela ministerial. Redescobre-se a dignidade do Batismo e se reconhece sua centralidade da vida eclesial.

5º. A reafirmação da opção preferencial pelos pobres, fazendo das periferias geográficas e existenciais o centro da Igreja e de sua ação evangelizadora.

6º. Em decorrência da opção pelos pobres, a sinodalidade como profecia social: o testemunho de uma Igreja sinodal como sinal de esperança e interpelação frente à crise da democracia e a tentação de resolver os conflitos pela força.

7º. As comunidades eclesiais de base como modo de ser Igreja naturalmente sinodal, capazes de reconfigurar a paróquia tradicional.

8º. Os ministérios ordenados ao serviço da comunhão entre todos os fiéis, na radical igualdade em dignidade de todos os ministérios. Bispos, presbíteros e diáconos como “colaboradores” dos demais membros do Povo de Deus.

9º. A tomada de decisão na Igreja, intrinsecamente unida aos processos de escuta e discernimento, ainda que permaneça resquícios de que os ministros ordenados têm a última palavra, frisando que a Igreja é por natureza hierárquica.

10º. O dever de transparência, de prestação de contas e avaliação

periódica dos organismos de Igreja, em especial dos que ocupam cargos de autoridade na Igreja.

11º. A inclusão das assembleias eclesiais, como espaços sinodais por excelência, em processos de escuta, discernimento e tomada de decisões na Igreja.

12º. O sínodo diocesano como um organismo promotor da comunhão e da participação na Igreja Local, a ser realizado periodicamente.

13º. A ambiguidade do espaço digital, uma ameaça, mas que pode também ser um aliado privilegiado na evangelização.

### **Resumo do Relatório do IBGE relativo à Arquidiocese de Maringá** (geógrafo Otávio Montanher)

De acordo com os dados do Censo do IBGE entre 2010 e 2022 foi observada uma tendência geral de redução da proporção de católicos no território da Arquidiocese de Maringá. Inajá foi a cidade que teve a maior perda percentual de católicos (-12,81%). Ao mesmo tempo, foi observada a tendência de aumento da proporção de evangélicos em todos os municípios (entre 0,57 e 12,22%). Há uma tendência geral de que as cidades que tiveram maior ganho proporcional de evangélicos foram as que tiveram as maiores reduções de católicos. As cidades menores e mais afastadas de Maringá, como Kaloré (com 90%), Marumbi, Floraí e São Pedro do Ivaí têm a maior proporção de católicos. Essas cidades têm um perfil de população mais envelhecida e com pouca contribuição de migrantes/imigrantes, o que podem ser fatores para explicar a alta proporção de católicos. Ivatuba, Inajá e Paranapoema são municípios que fogem um pouco a esse padrão geral.

Mas os católicos ainda são a maioria em todos os municípios da Arquidiocese, sendo a menor proporção de 53% em Sarandi. Os evangélicos residentes nos municípios da Arquidiocese são entre 8,4 e 31,3% da população. De modo geral as cidades maiores e mais próximas a Maringá possuem proporções mais altas de evangélicos,

com população que trabalha em Maringá, mas reside em outra cidade (cidades dormitório), como Mandaguaçu, Paiçandu, Floresta e Sarandi. Em geral, essas cidades possuem maior massa trabalhadora, com população mais jovem, e na última década (principalmente após 2010), tiveram um incremento populacional significativo, com a vinda de pessoas de cidades menores da região, de outros estados e até de outros países (haitianos e venezuelanos, por exemplo).

Com relação às outras religiões há grande diversidade de perfis: judaísmo, islamismo, budismo, matrizes africanas, outras religiões orientais, sem religião ou sem respostas constituem uma minoria nos municípios, variando entre 1,52 e 12,84% das populações. A tendência geral foi de que as cidades maiores e próximas a Maringá (em especial Maringá, Mandaguaçu e Sarandi) possuem as maiores proporções na classe “outros”, e as cidades pequenas baixas proporções. A cidade e Inajá é uma exceção nesse sentido.

De modo sintético os municípios de nossa Arquidiocese somados têm 61,5% de católicos, 28% de evangélicos, 5,5% sem religião, 4,6% em outras religiões.

Do ponto de vista econômico destacam-se Maringá, Marialva, Mandaguari e São Jorge do Ivaí como os municípios mais ricos da Arquidiocese. Os mais pobres são Inajá, Sarandi, Bom Sucesso e Marumbi.

A variação populacional também chama a atenção: Sarandi teve um incremento de 35.608 pessoas, aumento de 43% da população. Floresta quase dobrou de população (76%) e Mandaguaçu cresceu 59%. Já São Pedro do Ivaí teve uma perda de 1.477 habitantes (14,5%), e foi acompanhada por Inajá (15%), Uniflor e Paranaipoema.

As cidades da arquidiocese que mais tem pessoas entre 0 e 19 anos são Sarandi, Mandaguaçu, Bom Sucesso e Floresta (todas na casa de 27%). As cidades que mais tem pessoas entre 20 e 39 anos são Sarandi, Maringá, Paiçandu e Mandaguaçu (de 31 a 34%). As cidades com maior número de pessoas com mais de 60 anos são Kaloré, Ivatuba, São Jorge do Ivaí e Floraí (de 23 a 26%).

Outra síntese importante: a Arquidiocese em 2022 tinha 700.838 habitantes, e em 2024 passou para 826.174 habitantes, aumento de 17,88%.

### **Relatório da Pesquisa quantitativa por demanda: Perfil da liderança**

(O seguinte texto é resultado das respostas ao questionário enviado às lideranças das paróquias no final de 2024, fruto do contrato com a Equipe da Fundação de Apoio ao Desenvolvimento Científico da Universidade Estadual de Maringá, coordenado pela professora Celene Tonella).

A maioria das lideranças que respondeu ao questionário é de mulheres (69%), pessoas brancas (71%), com idade entre 45 e 64 anos (25% de 45 a 54 e 26% de 55 a 64), casadas no religioso (70%), que concluiu o ensino médio (24%), ou tem graduação (18,4%) e pós graduação (26%). No geral nossa liderança reside em casa própria (84%) na zona urbana (95%). São pessoas sem deficiência física ou doenças crônicas ou no máximo com hipertensão arterial, que não fazem uso abusivo de substâncias, mas 15% delas convivem com pessoas que fazem uso abusivo de bebida, cigarro ou medicamentos.

A maioria absoluta tem acesso a energia elétrica, água encanada, coleta de lixo, iluminação pública, rua asfaltada, coleta seletiva e esgoto, Unidade Básica de Saúde, escola, creche e ponto de ônibus. A maioria sente-se segura em casa tanto de dia quanto a noite, movimenta-se com veículo próprio, trabalha com carteira assinada, ou é de autônomos e aposentados, e tem renda familiar entre R\$ 3.000,00 e R\$ 4.500,00 (21%), ou entre 4.500,01 e R\$ 7.500,00 (26,5%).

No geral nossas lideranças tem acesso à internet de qualidade tanto em casa quanto no celular, conseguem participar de atividades online com espaço apropriado, acessam a internet todos os dias com facilidade, mas uns 37% tem pouca disposição para participar de atividades pastorais online.

A maioria participa de CEB's ou pequenas comunidades

(84%). Grande número é de Ministros Extraordinários da Comunhão Eucarística (28%), Pastoral de Liturgia e Canto (27%), Grupos de Reflexão (17%), Renovação Carismática Católica (9,6%), Catequese (9,55%) e Pastoral do Dízimo (9,4%). Os números dizem que as pastorais e movimentos sociais no geral tem pouca adesão (11,8% somando todos).

Quase 40% dos respondentes são coordenadores paroquiais, estão na função a menos de quatro anos, assumiram a coordenação após convite pessoal de alguém, participam de reuniões de planejamento ou formação um dia por semana. Sentem-se seguros e amparados pela Igreja no desempenho de seus serviços, com formação suficiente para sua atuação, tendo acesso a comunicados passadas pela paróquia e pela arquidiocese com clareza e antecedência. Consideram-se membros da Igreja, sujeitos eclesiais, com pertença e responsabilidade na missão (54,5%).

Número importante sente-se satisfeito com seu pároco (48,7%), com a secretaria paroquial (47,8%), com as coordenações de pastorais e movimentos de suas paróquias, com o arcebispo (43,5%) e com as coordenações arquidiocesanas de pastorais e movimentos. Muitos estão satisfeitos com a homilia dos padres, com o comprometimento destes com as orientações litúrgicas, com a pastoral e com as estruturas diocesanas, consideram que os padres são disponíveis para atendimento, tem zelo e respeito nas relações com as pessoas, são presença significativa de amparo, consolo e correção e são comprometidos com a vida dos sofredores.

Na pesquisa começa a aparecer muito forte a opção “não consigo opinar”, dado que chama a atenção, pois pode estar revelando o desconhecimento de muitas lideranças a respeito de instâncias da Igreja e/ou, como alguns disseram, o cansaço por estarem respondendo a um questionário muito longo.

Com relação aos diáconos, muitos líderes dizem que o número de diáconos é satisfatório, que há clareza quanto a esse ministério e suas atribuições, que contribuem no acompanhamento pastoral, no comprometimento com a pastoral e as estruturas diocesanas, são próximos às comunidades, vivem em comunhão

com os padres, cuidam bem das pregações e homilias.

Com relação ao bispo, provavelmente a distância dessa figura levou muitas pessoas a optarem pela resposta “não consigo opinar”, mesmo assim outros entendem que Dom Severino é comprometido com as orientações da Igreja, vive a colegialidade, com a sinodalidade, é comprometido com a pastoral diocesana e tem respeito com as pessoas. A maioria não sabe nada sobre a disponibilidade do bispo para atendimento na cúria e sabem pouco sobre seu comprometimento com os mais vulneráveis.

Quanto às estruturas de organização e sinodalidade da Igreja um grande número não conhece nada sobre o Conselho de Pastoral da Comunidade (CPC, 34%), 17% não conhece nada sobre o CPP (Conselho de Pastoral Paroquial). Um número grande (31%) não conhece nada sobre o CAE (Conselho de Assuntos Econômicos da Paróquia), o COMIPA (Conselho Missionário Paroquial, 52,5%), o Conselho Pastoral da Região Pastoral (CPRP, 51,2%) e o CAAE (Conselho Arquidiocesano da Ação Evangelizadora, 48,6%).

Grande número de lideranças considera satisfatória a clareza e disponibilização dos dados de prestação de contas nas questões pastorais e financeiras realizadas pelas paróquias. Consideram adequada a aplicação de recursos financeiros na paróquia nas dimensões: litúrgica (71%), eclesial (63%), missionária (60%) e caritativa (58%).

Muita gente sentiu-se incapaz de opinar a respeito do repasse de informações entre o Regional e a Arquidiocese, entre arquidiocese e Região Pastoral e até entre Região Pastoral e paróquia. Aí é importante questionar a efetividade da instância Região Pastoral, que ultimamente está enfraquecida em nossa arquidiocese.

Comunicação: é grande o número de pessoas que acompanha canais influenciadores católicos no Youtube (30% acompanha muito), ao mesmo tempo que um número alto não acompanha nenhuma informação nos sites oficiais do Vaticano (40% acompanha nada) ou da CNBB (47% acompanha nada). Os canais de TV católicos têm um alcance interessante (24% acompanha muito) e o acompanhamento das redes da própria paróquia é alto (41% acompanha muito). O acompanhamento das redes sociais da

Arquidiocese ainda é baixo (17% acompanha muito). A Rádio Colmeia e a Revista Maringá Missão não têm toda adesão que gostaríamos (22% acompanha muito a Rádio, 15,3% acompanha muito a Revista).

Nossas lideranças concordam fortemente com as afirmações: “a Igreja oferece esperança, consolação e sentido de vida” (85%), “oferece acolhida, cuidado e apoio” (77%), “suporte diante do cansaço e desmotivação” (58%). Um número menor considera que a Igreja fornece suporte para superação da sobrecarga de atividades eclesiais (34%). E 74% discordam totalmente que a Igreja seja fonte de desmotivação, frustração e cansaço.

Dentre os temas tratados pela Ação Evangelizadora nos últimos anos nossa liderança concorda totalmente com a opção feita pela Catequese (43,3%), família (36%), comunicação (31,7%), caridade e serviço aos pobres (31,5%), juventude (29%), além da ação missionária (29%). Concordam que a Igreja tem enfrentado desafios com a perda de fiéis para outras denominações religiosas. Concordam que a Igreja deve incentivar seus membros a se envolverem em questões sociais e políticas (33%) e especialmente em questões ambientais (56%). Entendem que a Igreja atua bem na promoção do bem-estar espiritual de seus membros, que acolhe as pessoas que se aproximam dela.

Nossas lideranças concordam com a linha teológica do querido e saudoso Papa Francisco, que a Igreja deve estar em permanente movimento de saída, da necessidade de estarmos próximos às periferias existenciais, que é preferível uma Igreja enlameada por ter saído em missão do que uma Igreja doente pelo fechamento e comodidade, que os pastores devem ter cheiro de ovelhas, que sinodalidade não é slogan, mas realmente caminhar juntos, que por vezes a Igreja é causa de desilusão, “devido ao nosso mau testemunho e aos escândalos que desfiguraram o seu rosto”.

Nas questões sociais do pontificado de Francisco a maioria defende que nenhuma família deve ficar sem casa, nenhum camponês sem terra, nenhum trabalhador sem direitos; que se deve superar a cultura da indiferença e do descartável, da economia que mata, que a criação é nossa irmã, que o migrante é Cristo que bate em nossa porta; que às vezes somos machistas, que as

mulheres tem muito a dizer, que é necessário deixar-se evangelizar pelos pobres, que o racismo é um vírus, que a catequese e a pregação incluam o sentido social da existência, a dimensão fraterna da espiritualidade e as motivações para amar e acolher a todos.

Grande número concorda com a CNBB quando diz que a Igreja: deve estar em estado permanente de missão, é espaço para a Iniciação à Vida Cristã, é o lugar da animação bíblica da vida e da pastoral, é rede de comunidades, está para o serviço de vida plena para todos, é a casa sempre aberta pra acolher a todos e espaço de promover a liturgia e a espiritualidade, lugar de defesa da vida desde a concepção até a morte natural, de defesa dos direitos, da promoção de uma sociedade justa, da superação da pobreza e exclusões. Concordam que a Igreja deve superar o clericalismo favorecendo a atuação do laicato.

Apesar desse texto conseguir tomar apenas genericamente as respostas dadas por nossas lideranças, são pontos importantes para a reflexão e elaboração dos planos pastorais. Esperamos que esse resumo seja útil a tantos irmãos e irmãs em suas comunidades.

### **Relatório da pesquisa com os presbíteros, diáconos, religiosos e religiosas**

O questionário aos padres, diáconos, religiosos e religiosas inicialmente não estava no planejamento da Assembleia, foi uma solicitação do assessor, pe. Agenor Brighenti, segundo o Conselho Presbiteral não deveria abordar temas pessoais, mas pastorais.

### **Relatório da Pesquisa com os Presbíteros**

Dos 91 presbíteros que receberam o questionário, 59 responderam.

O grupo dos presbíteros apresenta uma forte homogeneidade racial, mais de 70% dos padres se autodeclaram brancos. A maioria

absoluta depende das c ngruas, com 61% recebendo até R\$ 4.500,00, evidenciando uma renda moderada e padronizada. Embora 59% não tenham doenças cr nicas, há dados alarmantes sobre a saúde mental e o bem-estar físico, como casos de hipertensão (17%), diabetes (14%), depressão e ansiedade (5% cada), além de um  ndice expressivo de 9% que fazem uso abusivo de medicamentos.

Há uma percepção de segurança no trabalho (87%) e uma satisfação geral majoritária (acima de 65%) em relação   governança do bispo e da c ria. Com relação aos Conselhos Pastorais, existe uma assimetria percepção dos padres: os conselhos paroquiais (CPP e de Assuntos Econ micos) têm alta aprovação (acima de 80%), instâncias como CPC e CAAE operam com baixa eficiência percebida (abaixo de 45%). A digitalização é uma realidade consolidada, padres acessam diariamente e massivamente a internet, embora 15% ainda manifestem dificuldades com ferramentas digitais.

Na relação com a Igreja, embora 91% veja a instituição como fonte de esperança, apenas 37% sentem que recebem suporte dela para superar a sobrecarga de atividades eclesiais. Metade dos padres (49%) aponta que a Igreja reduziu suas ações permanentes nas comunidades vulneráveis, e avaliam que os investimentos financeiros são insuficientes nas dimensões caritativa (59% acham que se aplica pouco) e missionária (30%).

Os presbíteros demonstram forte alinhamento com a agenda contemporânea da Igreja (  pastores com cheiro de ovelha  , combate ao racismo, lugar especial das mulheres, superação do clericalismo, direitos humanos e defesa da Amazônia). O compromisso com temas sociais/políticos (75%) e ambientais (89%)   amplamente defendido. Há um reconhecimento da perda de espaço no campo religioso, com 47% concordando que a Igreja enfrenta grandes desafios diante da perda de fiéis para outras denominações. O maior consenso absoluto do relatório se deu na pauta moral e bioética, com 91% de concordância total na defesa da vida desde a concepção até o seu fim natural.

## Relatório da Pesquisa com os Diáconos

Diferente do clero presbiteral (onde a renda é tabelada pelas cômputas e mediana), os diáconos apresentam alto grau de escolaridade, casa própria e situação financeira estável. A maioria dedica cerca de dois dias por semana ao ministério (assessoria, coordenação e formação) e expressam um forte sentimento de pertença e suficiência formativa, atuando como importantes mediadores de capital teológico para o laicato. Não acompanham redes sociais.

Os diáconos consideram que as informações e formações chegam com clareza e antecedência, gerando sentimento de pertença na missão. Há alta satisfação com o clero e órgãos de coordenação, com forte cuidado nas homilias e compromisso litúrgico/pastoral. Existe engajamento com o método sinodal em nível local, nacional e com a Santa Sé.

Os CPCs, CPP e CAEs apresentam total transparência. COMIPA, CPRP, CAAE e reuniões do clero não têm a devida transparência. Estão satisfeitos com as atividades paroquiais e veem aplicação adequada na dimensão missionária. A catequese de Iniciação à Vida Cristã (IVC) é bem avaliada e assertiva.

Consideram que há falhas na eficiência de conselhos e assembleias, além de desequilíbrio entre o tempo e as pautas discutidas. Nota-se ausência de participantes em reuniões e falta de estudo prévio dos temas. Eles dizem que o estilo sinodal e fraterno deixa a desejar nas assembleias, inibindo a confiança para sugestões. Na dimensão caritativa consideram a aplicação inadequada, enquanto na missionária a aplicação é adequada.

Ações com a juventude, família, comunicação, sociedade, ecologia e periferias são vistas como deficientes. Entendem que a Igreja perde fiéis, atrai poucos membros, reduziu presença nas periferias e sofre com divisões internas, mau testemunho e escândalos.

Os diáconos incentivam à participação da Igreja em pautas políticas, ambientais, direitos humanos e proteção dos ecossistemas. Reconhecem o papel das mulheres e dos pobres como evangelizadores, além do combate firme ao racismo, apelam pela escuta e acolhimento ao grito de dor das vítimas da sociedade.

## **Relatório da Pesquisa com os Religiosos e Religiosas**

A vida consagrada na arquidiocese é esmagadoramente feminina, composta por 80,65% de mulheres e apenas 19,35% de homens. O grupo enfrenta um nítido processo de envelhecimento. A grande maioria (74,88%) tem 55 anos ou mais, sendo que 53% estão na faixa de 55 a 64 anos e 12,5% já passaram dos 75 anos. Apenas uma fração mínima (6%) representa a juventude (18 a 24 anos), sinalizando um desafio futuro de renovação geracional e sustentabilidade das ordens.

Metade dos participantes dedica até duas horas semanais para se preparar para as atividades pastorais.

Predomínio étnico em que 58% se declaram brancos. Os religiosos e religiosas possuem um capital cultural formal alto, a imensa maioria (58%) possui pós-graduação completa e 29% têm ensino superior completo. Enquanto 6,45% possuem somente o ensino médio.

A maioria (82,76%) reside na zona urbana e 17,24% na zona rural. Territorialmente, a atuação está fortemente ancorada nas Regiões Pastorais de Maringá (Catedral e São José Operário concentram juntas 50% dos respondentes).

A principal fonte de renda individual provém das aposentadorias e/ou pensões (46,43%). O trabalho assalariado regular (com carteira assinada) representa 21,43%, enquanto as cônjugas financiam apenas 10,71% do grupo. Há ainda 7,14% declarando não possuir renda própria. Quando analisada a soma da renda com as pessoas que moram juntas (as comunidades religiosas ou conventos), o cenário se estabiliza em patamares médios. 37,04% está na faixa de R\$ 4.500,01 a R\$ 7.500,00. Nesse modelo a vida comunitária funciona como um importante amortecedor socioeconômico, onde a partilha de recursos garante a segurança material de membros que individualmente não possuem renda ou recebem muito pouco.

## **Relatório das Atividades e Estruturas Paroquiais**

Com base no Levantamento das Atividades e Estruturas Paroquiais (questionário respondido por 50 paróquias), organizamos este relatório em três seções: 1) 24ª Plano da Ação Evangelizadora (PAE); 2) Estruturas resultantes do processo de Assembleias Arquidiocesanas; 3) Estruturas de Sinodalidade e Atividades Paroquiais.

### **Avaliando o 24º Plano da Ação Evangelizadora (PAE) 1ª Prioridade: Evangelização do mundo urbanizado**

#### **Projeto 1: Cidadania e participação no mundo urbanizado**

66% das paróquias possuem um representante no Conselho Arquidiocesano de Leigos e Leigas de Maringá.

34% das paróquias não possuem acompanhamento direto das pautas do CNLB. E em 8% as pautas de ação são integrandos sistematicamente na pauta do CPP.

34% das paróquias não realizam uma intervenção nas realidades sociais locais; 14% realizam uma intervenção nas realidades sociais através da articulação do CNLB; 58% realizam uma intervenção social através de articulação com outras instâncias e parcerias.

#### **Projeto 2: Serviço Pastoral do Migrante**

6% das paróquias possuem a Pastoral do Migrante.

94% das paróquias não realizam nenhuma ação de celebração durante a Semana do Migrante.

10% das paróquias conhecem e trabalham em unidade com as ações realizadas pela Cáritas Arquidiocesana junto à população Migrante. 46% das paróquias desconhecem a ação da Cáritas junto à população migrante.

#### **Projeto 3: Cuidado com a Casa Comum**

10% das paróquias possuem ações permanentes de proteção e cuidado com a Casa Comum, por meio de grupos específicos.

42% apresentam ações pontuais, sem um grupo ou pastoral específica.

28% nunca realizaram.

Principais grupos responsáveis pela ação (sistemática ou pontual): PEMAM (Pastoral da Ecologia e do Meio Ambiente); Grupo de reflexão sobre a Casa Comum; Pastoral do Meio Ambiente; CNLB; CPP; CAE.

Principais ações desenvolvidas: de conscientização; de recuperação de áreas degradadas; coletas; de partilha e celebração; arquitetura sustentável; políticas públicas.

#### **Projeto 4: Implantação da Pastoral da Comunicação (PASCOM) em todas as paróquias**

79% das paróquias possuem a Pastoral da Comunicação integrada a PASCOM arquidiocesana. E 12% possuem a Pastoral sem integração com a PASCOM arquidiocesana.

48% das paróquias repercute, de modo sistemático, em suas redes sociais os comunicados e notícias dos meios de comunicação arquidiocesanos. 42% das paróquias não utilizam os meios de comunicação arquidiocesana para a divulgação de seus eventos e ações.

A realidade da Pandemia da COVID 19 impulsionou a implantação da Pastoral da Comunicação nas Paróquias (PASCOM), que, na sua maioria atua de modo integrado com a PASCOM arquidiocesana; porém, o fluxo de dados compartilhados entre as instâncias é um desafio.

### **2ª Prioridade: Dimensão Missionária**

#### **Projeto 1: “Igreja em saída”, comunidades em Estado Permanente de Missão**

78% das paróquias não possuem representantes no COMIDI.

56% não apresenta um serviço permanente de Animação Missionária.

20% das paróquias possuem o COMIPA.

24% apresentam outros serviços de Animação Missionária: IAM; Catequese de IVC; Pastoral da Criança; Grupos de Reflexão; Pastoral Familiar; Conselho Vocacional Missionário (SAV e COMIPA); Comunidades; CPP.

18% das paróquias possuem um Plano de Ação Missionária nos três âmbitos: Animação Missionária da Pastoral Ordinária da Igreja; busca dos católicos afastados; Missão ad gentes / cooperação intereclesial.

58% das paróquias não possuem um Plano de Animação e Cooperação Missionária.

48% das paróquias possuem a Infância e Adolescência Missionárias e 10% possuem grupos de Juventude Missionária.

### **3ª Prioridade: Família**

#### **Projeto 1: Evangelização integral das famílias por meio do Setor Família**

94% das paróquias possui a Pastoral Familiar organizada no setor pré-matrimonial.

64% das paróquias possui a Pastoral Familiar organizada no setor pós-matrimonial.

58% das paróquias possui a Pastoral Familiar organizada no setor casos especiais.

56% possui o Setor Família Paroquial organizado.

#### **Concluindo:**

No que tange às ações propostas pelo 24º Plano da Ação Evangelizadora, os avanços ocorreram apenas na implantação da PASCOM. Na organização do Conselho de Leigos e na articulação do Setor Família houveram avanços, mas ainda com desafios a serem superados. Porém, em áreas importantes como Migração, Cuidado com a Casa Comum e a Dimensão Missionária quase não se avançou. Mesmo antes da Pandemia da COVID 19 e suas consequências, essas áreas não apresentaram avanços significativos na realização de seus respectivos projetos.

#### **Estruturas resultantes do processo de Assembleias Arquidiocesanas**

As prioridades dos Planos da Ação Evangelizadora, desde 2009, podem ser organizados em: redes de comunidades,

juventude, formação do laicato e a promoção da vida e da ação social. Dessas prioridades, apresentamos alguns destaques da realidade atual.

As paróquias estão, na sua maioria (84%), organizadas em redes de CEB's, CEM, Setor e outras pequenas comunidades. O número de comunidades é próximo de 500; o número de capelas se aproxima de 150, em 70% delas há celebrações semanais. Os Grupos de Reflexão constituem um importante instrumento de evangelização nas comunidades, presentes em 78% das paróquias, com aproximadamente 480 grupos e cerca de 5.800 participantes que, quase na totalidade, utilizam o material Ninguém Cresce Sozinho (subsídio desenvolvido pela arquidiocese).

A Juventude e os Adolescentes são uma realidade presente em todas as paróquias, com desafios nas áreas de formação, acompanhamento e integração na organicidade paroquial. Mais de 70% das paróquias possuem jovens e adolescentes envolvidos nos serviços de acólitos, demais serviços de liturgia e catequese. Porém 62% das paróquias não possuem jovens inseridos nos serviços caritativos. Há uma presença efetiva dos jovens nos CPP's e uma ausência de participação nos CAE's (82% não tem jovens). A formação das lideranças juvenis ainda é um desafio, em apenas 36% das paróquias a formação acontece por meio da articulação do Setor Juventude. Quanto ao acompanhamento, 48% das paróquias não possuem um assessor adulto junto aos grupos juvenis e 35% das paróquias não possuem um assessor para os grupos de adolescentes. A presença da ação evangelizadora nos espaços educacionais é um grande desafio: 77% das paróquias não realizam trabalhos permanentes juntos aos Centros Universitários presentes em seus territórios e 94% das paróquias não realizam nenhuma atividade junto aos universitários participantes de sua comunidade paroquial; 77% das paróquias não realizam trabalho permanente junto aos Colégios da Rede Pública.

Na Formação do Laicato existem algumas iniciativas paroquiais e arquidiocesanas que poderiam ser potencializadas. Na esfera paroquial, 48% das paróquias não apresentam um programa de formação e 38% das paróquias oferecem formações pontuais. As Escolas Arquidiocesanas são espaços sistemáticos que poderiam

ser potencializados: 70% das paróquias tem ou tiveram alunos na Escola de Teologia para Cristãos Leigos; 18% na Escola Cáritas do Bem Viver; 78% na Escola da RCC; 46% na Escola de Vivencial do Cursilho; 64% na Escola da Pastoral Familiar; 12% na Escola das CEBs; 52% nos Cursos de Pós-Graduação.

Quanto à Promoção da Vida e da Ação Social os desafios são consideráveis, poucos avanços se consolidaram nesta área fruto dos projetos estabelecidos pelos Planos da Ação Evangelizadora. Isso se constata na Pastoral da Saúde que está ausente em 78% das paróquias, sendo que em 26% das paróquias ela nunca foi implementada. O mesmo observa-se na Pastoral da Pessoa Idosa, ausente em 74% das paróquias e em 42% das paróquias ela nunca foi implantada. Quando às demais Pastorais, Movimentos, Organismos e Serviços da Ação Social temos: 4% das paróquias possuem a Pastoral Afro; 4% a Pastoral da Sobriedade; 6% possuem a Pastoral Carcerária; 6% a Pastoral do Menor; 6% a Cáritas; 8% a Pastoral dos Surdos; 12% o Amor Exigente; 22% o Cristma; 24% a Pastoral da Educação; 54% a Pastoral da Criança; 80% a Sociedade São Vicente de Paulo. Sobre as Entidades Sociocaritativas os desafios também estão presentes: 54% das paróquias não contribuem periodicamente com assistência espiritual junto às entidades presentes em seu território ou na sua Região Pastoral, e 47% não realizam aporte financeiro periódico a estas entidades.

Em suma, áreas como a Juventude e Adolescente, a Formação do Laicato e Promoção da Vida e da Ação Social enfrentam desafios resultantes da não consolidação dos frutos esperados ou resultantes dos projetos estabelecidos pelos Planos da Ação Evangelizadora.

### **Estruturas de Sinodalidade e Atividades Paroquiais**

A disponibilidade de agentes de pastoral para os próximos anos é uma preocupação para as paróquias, com desafios para despertar e acompanhar novas lideranças.

Destaques quanto às Estruturas de Sinodalidade: CAE, CPP,

CPC e Assembleias Paroquiais. O Conselho de Assuntos Econômicos (CAE) está presente nas paróquias; a prestação de contas é regular, mas não há uma metodologia comum, a escolha dos membros é predominantemente por indicação, não há a prática de realizar auditorias, como ferramenta de transparência. O Conselho Pastoral Paroquial (CPP) está presente nas paróquias, não há uma unidade quanto à composição e escolha da Diretoria, quanto à metodologia de construção das pautas, quanto à metodologia de condução e a periodicidade das reuniões. O Conselho Pastoral Comunitário (CPCs), não é uma realidade em todas as paróquias (34% não possuem) e nas que possuem, somente 64% apresentam o Conselho em todas as comunidades; há variações quanto à composição, pauta, metodologia e periodicidade dos encontros. A Assembleia Paroquial acontece de modo muito diverso, geralmente são anuais (36% das paróquias) ou bienais (26%), porém algumas paróquias não realizam ou só quando convocadas pela Ação Evangelizadora; não há unidade quanto à composição dos membros da Assembleia, pautas e metodologia, que variam, às vezes, de uma edição para outra. Essas instâncias exigem aprimoramentos para a consolidação de uma verdadeira sinodalidade, que responda aos desafios atuais.

Quanto às atividades realizadas pelas paróquias há maior concentração de forças (investimento humano e financeiro) em ações de promoção e arrecadação (76% investem total ou muita energia), em ações devocionais (60%), em relação às ações de anúncio, formação e espiritualidade (62%), e as ações de promoção da cidadania e transformação social recebem apenas 22% das energias.

## 2ª PARTE - DISCERNIR

Iluminamos a realidade pelas luzes da Sagrada Escritura, da teologia e dos Documentos do Magistério que nos iluminam, encorajam e trazem esperanças para construir os caminhos de evangelização nestes novos tempos.

### **Fundamentos bíblicos para a sinodalidade**

(Erica Daiane Mauri)

A sinodalidade nos coloca em uma marcha comum. A Igreja é convidada a “caminhar junto”, como um povo unido na comunhão, na participação e na missão. Diversas imagens bíblicas ilustram o princípio da sinodalidade; uma delas tem se destacado nos documentos da Igreja: a Tenda. Tomaremos a “tenda” como esse elemento expressivo da sinodalidade, que perpassa os textos bíblicos do Antigo ao Novo Testamento.

*Tenda: lugar da hospitalidade e acolhida (Gn 18,1-16).* O Patriarca Abraão, à entrada de sua tenda avista três peregrinos, corre a seu encontro e lhes oferece abrigo e refeição. A tenda é o local que provê os suplementos básicos para um caminheiro do deserto, é sinal de segurança, abrigo, água e alimento. A tenda garante os elementos primordiais para a manutenção da vida de todos que peregrinam pelo deserto.

A sinodalidade nos compromete com os princípios da hospitalidade e da acolhida. Uma Igreja Sinodal é chamada ao compromisso com a proteção e manutenção da vida de todos os peregrinos deste mundo, de modo particular com os pobres e excluídos.

*Tenda: lugar da partilha e da justiça (Ex 16,1-17).* No caminho do deserto, Deus educa seu povo para a justiça e a partilha, ao oferecer-lhes o maná e as codornizes como fonte de sustento diário, ordena: “cada um recolha o suficiente para comer, uma medida por pessoa, de acordo com o número de pessoas que moram na sua tenda” (Ex 16,16b). A tenda sinaliza para o local onde a partilha e a justiça fazem morada, não há lugar para o acúmulo e concentração de bens, para o egoísmo e a soberba.

A sinodalidade nos compromete, pessoal e comunitariamente, com o bem comum, com a justiça socioambiental e com a equidade nas relações sócio-eclesiais.

*Tenda: lugar da corresponsabilidade e participação (Ex 18,13-27).* No acampamento estabelecido, com as tendas armadas, os riscos de estruturar relações de domínio e centralização do poder são constantes. Jetro orienta Moisés para uma nova relação de corresponsabilidade e participação em favor do bem de todo o povo: “você poderá dar conta da tarefa, e todo esse povo poderá sempre voltar para seu lugar em paz” (Ex 18,23).

A sinodalidade exige a comunhão, a participação e a corresponsabilidade na missão e no governo da Igreja, em favor do bem de todo o povo. A centralização do poder abre portas para as relações de dominação e das diferentes formas de violências (físicas, sexuais, de consciência, espiritual etc.).

*Tenda: sinal do Deus que caminha com seu povo (Ex 29,43-46; 33,7-11; 40,34-38).* A Tenda do Encontro, para o povo hebreu peregrino no deserto, é a materialização da presença do Deus que liberta, caminha, guia e instrui o povo rumo à Terra Prometida. A Tenda é o sinal do Deus presente, que conhece e acolhe as dores e os sofrimentos do seu povo e promove a esperança, a justiça e a liberdade. A Tenda é o local para o encontro com Deus, para o discernimento e para (re)direcionar os passos do povo peregrino.

A sinodalidade é a expressão de uma Igreja que, assim como Deus, caminha com a humanidade.

*Tenda: lugar da coragem e da transformação (Is 54,2-3).* Diante do sofrimento do exílio babilônico o profeta canta o vislumbre de um novo horizonte. Isaías percebe que os sinais de seu tempo são de esperança, de uma nova história; mas, é preciso coragem para adaptar-se e concretizar as transformações que despontam no futuro de seu povo: da dor para a alegria, da esterilidade para a fecundidade, da escuridão para a luz. Novos tempos surgem e clamam pela coragem: “aumente o espaço de sua

---

<sup>2</sup>Documento de Trabalho da Etapa Continental do Sínodo sobre a Sinodalidade; Instrumento de Trabalho para as Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil (CNBB, 2025); Campanha da Fraternidade 2024 sobre a Amizade Social.

tenda, estenda sem medo a lona, estique as cordas, finque as estacas” (Is 54,2).

A sinodalidade é a resposta de coragem da Igreja para os novos tempos. É a capacidade de “alargar-se” sem medo, de fincar suas estacas na rocha firme da Boa Nova de Deus para a humanidade e acolher os sinais de esperança presentes no hoje da história da salvação.

*Tenda: sinal da morada de Deus entre nós (Jo 1,14).* O evangelista João evidencia: a Palavra de Deus se fez carne e armou sua tenda entre nós. Jesus de Nazaré – o Emanuel (Deus conosco), o Cristo / Messias – é a Tenda definitiva do encontro entre Deus e a humanidade (Ap 21,3). Sua encarnação, vida, missão, paixão e ressurreição manifestam definitivamente o rosto misericordioso do Pai e seu Reino de amor, que une toda a humanidade e a criação em uma única família de irmãos e irmãs. Jesus é a “Tenda” que acolhe os pequenos, os caídos, os esquecidos pelos poderes sociorreligiosos de sua época e lhes restituem a vida e a dignidade: acolhe os pobres, os doentes, os leprosos e os deficientes (Mc 1,23-32.40-45; 12,41-44); as mulheres, as viúvas (Lc 7,11-17; 8,1-3); os estrangeiros (Mc 5,1-20; 7,24-30); os pecadores (Lc 7,36-50; 15; Mc 2,1-12; Jo 8,1-11). Jesus é a “Tenda” da partilha e da justiça, superando as relações de acúmulo, egoísmo e indiferença: multiplica os pães (Mc 6,30-44; 8,1-10); instrui para a partilha dos bens e restituição da justiça (Lc 12,13-34; 16,19-31; 18,18-23; 19-1-10; Mt 5,1-12). Jesus é a “Tenda” da corresponsabilidade e participação; escolhe homens e mulheres para instruí-los e compartilhar a missão (Mc 3,13-19; Lc 8, 18-23; 10,1-12; Jo 15,9-17); educa para o poder-serviço (Mc 10,35-45; Jo 13,1-15). Jesus é a “Tenda do Encontro” viva e verdadeira, presença real do Deus que caminha com a humanidade: é o caminho, a verdade e a vida; torna visível a imagem do Pai misericordioso (Jo 14; Mc 15,38). Jesus é a “Tenda” alargada, que expande as concepções sobre o Reino de Deus para alcançar a todos; vai ao encontro dos esquecidos e os integra na “mesa do banquete” do Reino (Lc 14,14-24; 15; Jo 4,7-26; Mt 13,31-32).

A sinodalidade nos compromete diretamente com a missão de Jesus Cristo, com o anúncio e com os valores do Evangelho.

*Tenda: lugar de conversão e purificação (Jo 2,13-22).* O Templo de Jerusalém havia substituído a antiga Tenda do Encontro itinerante. O Templo era a expressão da fé e da presença de Deus junto ao povo; porém, havia se tornado uma estrutura em favor dos poderes imperiais opressores e mantenedora dos privilégios políticos e econômicos da elite religiosa e social de Jerusalém. Jesus denuncia essa estrutura que já não propicia o “encontro” entre Deus e o povo. Ele derruba, expulsa, reorganiza e promove uma verdadeira conversão e purificação no sistema religioso de sua época.

A Igreja Sinodal exige uma constante e atenta conversão de suas estruturas e atividades, para manter-se sempre fiel à sua missão evangelizadora.

*Tenda: lugar de encontro com o Ressuscitado (Lc 24,13-35).* Após os eventos da paixão e morte de Jesus, a comunidade dos discípulos sucumbe ao medo e ao desalento. No caminho de tristezas e incertezas, o Ressuscitado se faz companheiro de viagem: acolhe e acalenta os corações; ilumina e instrui as mentes e, enfim, desperta o olhar para sua presença constante e real. A comunidade reunida e o pão sacramental partilhado, se tornam expressão do Cristo vivo, presente e atuante.

A sinodalidade nos coloca ao redor da mesa sacramental da Palavra e do Pão, todos como discípulos no encontro com o Mestre, que nutre e nos envia à missão comum de anunciar a alegria do encontro com o Ressuscitado.

*Tenda: sinal de uma comunidade constituída.* A imagem da tenda supõe um núcleo comunitário que a habita, que estabelece relações e projetos comuns, que compartilham alegrias e sofrimentos, sonhos e esperanças. O Apóstolo Paulo, que personifica a ação missionária do primeiro século, compreendeu que o anúncio do Evangelho frutificava em novos núcleos comunitários; verdadeiras *ekklesias* (igrejas), toda ministerial e organicamente unida ao Cristo-cabeça.

A sinodalidade supõe comunidades constituídas por verdadeiros sujeitos eclesiais, coerdeiros da graça da Vida (1Pd 3,7) e corresponsáveis na missão comum de todos os fiéis.

A tenda é símbolo de uma Igreja comprometida com o Evangelho, capaz de colocar-se a caminho como verdadeira peregrina, sinal da Esperança, rumo à pátria definitiva.

A simbologia da tenda nos ilumina, em nossa Igreja particular, para promovermos ações de acolhida integral: das juventudes; dos idosos; dos povos migrantes; dos pais, padrinhos, crianças e adolescentes; casais em situação especial da relação matrimonial etc. A Igreja Sinodal, “tenda da partilha e da justiça”, nos compromete com as ações caritativas e sociotransformadoras nos níveis paroquial e arquidiocesano; no apoio e promoção das pastorais sociais, organismos e entidades sócio caritativas; na articulação junto aos movimentos sociais; no cuidado com a Casa Comum, fruto de uma profunda conversão para uma ecologia integral; na luta conjunta e articulada por políticas públicas eficazes e justas; em metodologias comuns, eficazes e transparentes de prestação de contas financeiras e das atividades eclesiais. A Igreja Sinodal, “tenda da corresponsabilidade e da participação”, nos ilumina para uma renovação e fortalecimento das estruturas sinodais de organização da vida da Igreja (Assembleias, CAAE, Conselho Econômico Arquidiocesano, Conselho de Região Pastoral, CPP, CAE, COMIPA, CPC's); na promoção de metodologias inclusivas, participativas; na superação e prevenção de relações e estruturas abusivas. A simbologia do “alargar a tenda” nos compromete com a capacidade de, guiados pela criatividade do Espírito, estabelecer ações e estruturas que respondam aos desafios de nosso tempo, em favor de uma evangelização inclusiva, sólida, segura, iniciática e formadora de verdadeiros discípulos missionários. A tenda “lugar de conversão” propõe uma vigilância constante e profética para a promoção das purificações e conversões pessoais e eclesiais na construção de uma sempre mais profunda e frutífera sinodalidade. A “tenda-comunidade” lança luzes para o fortalecimento de nossas CEB's e outras pequenas comunidades, evidenciando seu protagonismo iniciático e acolhedor. A Tenda-Jesus nos inspira para um renovado ardor missionário, comprometido com os valores do Evangelho, nutridos pelos sacramentos, enviados às periferias físicas e existenciais.

## **Concílio Vaticano II: a hora de lançar um olhar mais apurado sobre a Igreja**

(Pe. Reginaldo Teruel Anselmo)

A vida traz surpresas que se tornam oportunidades para se rever a caminhada. Há pouco celebramos os sessenta anos da conclusão do Concílio Vaticano II (8/12/1965), que continua sendo, segundo o Papa Francisco, a bússola para os nossos tempos, justamente por ser o maior evento da história contemporânea da Igreja, um segundo cenáculo dos apóstolos, como quis o Papa João XXIII, que levou a Igreja a sair dos muros, ampliando seus horizontes, sem perder a sua essência e fidelidade.

Embora o anúncio da sua convocação tenha sido uma surpresa, a caminhada eclesial e os seus desejos latentes, bem como um cenário mundial cada vez mais complexo e desafiador e com menos espaço para Deus, muitos o desejavam. Contudo, a eleição do cardeal Roncalli não trazia tantas promessas, quer pela idade avançada, quer por seu estado físico debilitado, e, como quiseram muitos, por ter sido um Papa de “transição”. Porém, foi justamente neste terreno sem muitas promessas, mas preparado e fecundado pelo Espírito, que no dia 25 de janeiro de 1959 ele surpreendeu o mundo, aquecendo aquele dia de inverno. É certo que ele não sabia que horizonte o esperava, mas sabia que um novo o esperava e que aquela hora desafiadora era o tempo certo de deixar o novo frescor tomar conta de todos os cantos da Igreja, vencendo a autorreferencialidade e questionando-se sobre sua própria identidade, sem cair em um eclesiocentrismo, descobrindo em Cristo sua luz.

Para alguns teólogos o Concílio Vaticano II foi uma “inspiração divina” na vida da Igreja, assim como foram igualmente os outros vinte concílios, que, encontrando nele a expressão máxima da comunhão eclesial, num profundo *aggiornamento*, abordou as mais diferentes interrogações do seu tempo. Diferente dos concílios anteriores, convocados para corrigir grandes erros ou definir elementos fundamentais da fé, quis uma reflexão mais pastoral, uma teologia mais cristológica, uma vez que é Cristo o revelador do rosto da Igreja, de conotação diaconal e não

autorreferencial, mística e não jurídica, e acima de tudo, mais universal que hierárquica, colocou-se “em escuta da Palavra de Deus para redescobrir a si mesma diante da espera do novo tempo” (Forte, 59).

É neste cenário que nasce a constituição dogmática *Lumen Gentium* (LG), “a pedra angular de todos os decretos publicados” (Philips, 11). Um documento que representa o consenso dos padres conciliares debruçados sobre as urgências trazidas pelos tempos, buscando um justo equilíbrio das instâncias conciliares, fazendo vir à tona um novo perfil definido de Igreja: a radical igualdade de todos os membros do Povo de Deus pela força do Batismo.

O modelo eclesiológico que vem à tona com o Vaticano II vai em outra direção, na qual os Padres entenderam a urgência de uma impostação nova na transmissão de suas verdades, o que exigiu abandonar o modelo vigente. A proposta já vinha sendo assinalada no pré-Concílio pela encíclica de Pio XII, *Mystici corporis* (29 de junho de 1943). Ela provocou uma fundamental mudança. Ao deixar a perspectiva apologética, propôs a Igreja como imagem do corpo de Cristo, através do movimento teológico que foi um importante espaço de gestação para a renovação eclesial, em que grandes teólogos colocaram no centro a Sagrada Escritura e a Tradição numa tentativa de retirar o pensamento cristão ao exterior da manualística. Enfim, reflexões que ajudaram os padres a perceber que aquela era a hora de lançar um olhar mais apurado sobre a Igreja, *ad intra* e *ad extra*, e que pudesse promover uma renovação profunda e eficaz da fé, embasada nas fontes bíblicas, litúrgicas, patrísticas e, ao mesmo tempo, considerando a teologia mais recente e os desafios do mundo contemporâneo (Almeida, 563).

Disto isto, o modelo eclesiológico que define a identidade da Igreja e expressa o desejo de “ruptura e de novidade” (Comblin, 20) é a categoria “Povo de Deus” (LG, 9). Nela os padres viram o convite e conteúdo para se voltar às origens e evidenciar o novo modelo eclesial, numa apresentação bíblica das imagens de Igreja, ou seja, a noção de povo de Deus destaca a continuidade da Igreja com Israel (Insero, 237), criando a consciência de que este “novo”

povo, instituído por Jesus (Pesch, 179), diferente do primeiro, nascido da carne, chama-se Igreja de Deus (Congar, 11), um novo povo nascido da água e do Espírito, que é “sacramento de salvação” (LG, 48), cooperadora na dilatação do Reino na história (cf. Mt 5), mas, com perspectivas futuras em Jesus Cristo. Com esta categoria os padres destacam a Igreja, enquanto povo santo, a uma chamada universal (LG, 9), cuja eleição não é privilégio, mas serviço para realizar o projeto de Deus. Um povo, não visto como massa, mas *congregatio fidelium* (congregação dos fiéis) que, mais do que uma instituição que porta uma mensagem ao mundo, é “sinal” autêntico da mesma mensagem (LG 1). A Igreja só pode ser o sinal e instrumento de salvação, enquanto é Corpo de Cristo, em íntima união com Deus e com o gênero humano. Israel, sendo povo, não era corpo de Cristo, respondia parcialmente a esta chamada.

Ao adotar esta categoria, o Concílio se distanciou de pensamentos que assinalavam, mais do que uma forte separação entre clero e leigos, uma postura de inferioridade, em que leigos “apareciam como objetos passivos dos cuidados dessa hierarquia” (Comblin, 20). A LG rompe com este imaginário hierárquico, acentuando a igualdade da dignidade dos membros da Igreja em razão do batismo (LG, 32). Ele rompe com o esquema piramidal e propõe um modelo que “considera a Igreja na sua totalidade, em uma relação de origem das missões trinitárias de Cristo e do Espírito” (Tangorra, 101), partindo, não dos elementos diversos, mas do princípio teológico comum a todos. Todos os batizados participam do tríplice ministério de Cristo; todos são unidos numa mesma vocação cristã à santidade; participam, igualmente, do mesmo destino escatológico numa “Igreja que transcende os limites do tempo para expandir-se segundo a medida mesma da eternidade” (Lubac, 71). Desta maneira, com o novo modelo, os fiéis leigos passam de meros colaboradores da hierarquia a sujeitos da missão, com a consciência de que sua vocação nasce na fonte batismal (Almeida, 569), e participam da única missão eclesial. Portanto, ao enfatizar o “ser” e não o “fazer”, trouxe à baila a grande novidade conciliar, levando à superação do modelo piramidal.

A categoria Povo de Deus revela o “sacerdócio comum dos

fiéis” como importante elemento de novidade, tirando-o de um silêncio de mais de quatro séculos que o via somente à luz do sacerdócio ministerial. Esta mudança de ótica eclesial ajuda a compreender a Igreja como sacramento universal de salvação, chamada e instigada a seguir o mesmo caminho de Jesus, em virtude do profundo vínculo que une a missão da Igreja à missão de Cristo (cf. Jo 20,21). Diferente do modelo precedente que encapsulava a Igreja, essa categoria apresentou uma dinâmica totalmente diversa, um modelo aberto e participativo, metendo a Igreja sempre em caminho, revelando-a capaz de acolher e dialogar com o diferente, numa constante renovação, saindo da zona de defesa; voltando às origens, ela propõe a reavivar a dimensão de anúncio da fé; propondo igualmente uma descentralização, ao valorizar a Igreja particular em unidade com o todo. A Igreja não é mais o centro para onde converge tudo, senão servidora de Cristo, em sua missão redentora e divinizadora, com a consciência de uma Igreja “que incide na história com a sua marca de santificação no Espírito, que santifica e enquanto tem continuamente necessidade de ser santificada” (Militello, 127). Ela é um mistério, concebida na dinâmica *exitus-reditus* (saída-retorno), que nasce do desejo da Trindade, encontra Nela seu absoluto, sua missão, e a quem retorna (Congar, 15). Assim, como considerou o cardeal Lorscheider, o Vaticano II levou a Igreja a passar de uma “Igreja-sociedade perfeita para uma Igreja-comunidade, inserida no mundo, a serviço do Reino de Deus; de uma Igreja-poder para uma Igreja pobre, despojada, peregrina; de uma Igreja-autoridade para uma Igreja serva, servidora, ministerial; de uma Igreja piramidal para uma Igreja-povo; de uma Igreja pura e sem mancha para uma Igreja santa e pecadora, sempre necessitada da conversão, de reforma; de uma Igreja-cristandade para uma Igreja-missão, uma Igreja toda missionária” (Passos, 562).

Contudo, embora a tônica principal dessa inversão signifique dizer que todos os membros da Igreja são iguais e participam de um mesmo povo, não significa afirmar que o Concílio cancelou as diferenças de ministérios e carismas. Ele evidenciou por primeiro os valores comuns entre todos, para em seguida, considerar uma estrutura hierárquica (LG 32). É justamente nisto

que consiste a verdadeira revolução copernicana, “uma radical igualdade que não nivela, mas conduz ao pleno cumprimento a vida em Cristo de todos e de cada um” (Vitali, 149). Considerá-lo igualitarista e inorgânico é esvaziá-lo do verdadeiro sentido. Do mesmo modo, não se pode incorrer na fragilidade de dizer que a LG provocou uma inversão piramidal. Os Padres reivindicaram uma saudável estrutura na Igreja, uma vez que a Igreja primitiva se constituía de um povo estruturado, e não um cancelamento da mesma. Assim, não cancelou a hierarquia, mas excluiu uma clericalização da Igreja. O ministro ocupa sim, na sucessão dos apóstolos, um lugar constitutivo, mas isto não o faz um “super-sacramento”, não o torna absoluto, o dono da graça, mas antes, obriga-o à consciência de que o recebeu a serviço do Corpo. Por isso, há uma estreita relação entre os dois sacerdócios, pois o que o Espírito suscita na comunidade é para servir a unidade comum.

Por fim, o Concílio foi este evento que soube, na sua catolicidade, ler os sinais dos tempos e gestar aquele que se tornara um marco divisor na sua pastoral. Soube evidenciar, na postura, palavras e gestos dos papas João XXIII e Paulo VI, as importantes dimensões da sinodalidade quando – em atitude de escuta, fala e discernimento – rompendo com aquele modelo que predeterminava, conseguiu dar vozes àquelas Igrejas mais longínquas, que por vezes pareciam invisíveis, dando-lhes possibilidade e responsabilidade de se colocarem as mais diferentes interrogações frente aos desafios, e a gestarem juntas os novos tempos, ao exercerem sua colegialidade junto de Pedro e sob a ação do Espírito Santo, buscando consensos, desenhando o rosto do que se esperava de uma Igreja madura, quer pela sua riqueza doutrinal, quer pela sua caminhada pastoral, capaz de reconhecer os sinais do Reino presentes na pluralidade, sem perder a identidade.

**BIBLIOGRAFIA:** A. ALMEIDA, *Lumen gentium*; R. BLASQUEZ, *La Iglesia del Concilio Vaticano II*; J. CASTILLO, *La Iglesia que quiso el Concilio*; J. COMBLIN, *O povo de Deus*; Y. CONGAR, *A Igreja como Povo de Deus*; \_\_\_\_, *Un popolo messianico*; P. DORIA, *Storia del Concilio Ecumenico Vaticano II*; G. PHILIPS, *LA CHIESA E IL SUO MISTERO*; B. FORTE, *La chiesa della Trinità*; GIOVANNI XXIII, VATICANO II, «Discurso na abertura solene

do Concílio»; W. INSERO, *La chiesa è “missionaria per sua natura”* (AG 2); W. KASPER, *Chiesa Cattolica. Essenza, realtà, missione*; B. KLOPPENBURG, *Concílio Vaticano II*; H. KÜNG, *La Chiesa*; H. LUBAC, *Meditazione sulla Chiesa*; J. LIBANIO, *Concílio Vaticano II*; PAULO VI, «Discurso na abertura»; \_\_\_\_ «Discurso pronunciado na nona sessão do Concílio»; O. PESCH, *Il Concilio Vaticano Secondo*; G. TANGORRA, *La chiesa secondo il concilio*; D. VITALI, *Popolo di Dio*.

### **Perspectiva Histórica da Evangelização a partir dos Leigos e dos Planos de Pastoral na Arquidiocese de Maringá** (Pe. Marcos Roberto Almeida dos Santos)

Consta desde o 1º Plano de Pastoral da Arquidiocese de Maringá, em 1973, a preocupação pela formação e acompanhamento dos leigos. No imediato pós-Concílio Vaticano II, nos inícios dos anos 1970, começou-se a organizar a pastoral de conjunto na diocese de Maringá, tendo a preocupação de dar direção à ação evangelizadora da Igreja a partir das orientações pastorais emanadas pela CNBB e inspiradas pelas reformas do Concílio. Inicialmente estas ações foram efetivadas pelo Movimento de Cursilhos de Cristandade, nas paróquias mais antigas da diocese, hoje chamadas paróquias de centro, mas também, com menor intensidade, nas paróquias do interior da diocese. Ao mesmo tempo se organizava nas periferias de Maringá e Sarandi um estilo de pastoral voltada a acolher os “imigrantes” oriundos do êxodo rural provocado pela crise cafeeira. Esta pastoral popular foi o embrião das CEB’s, dos grupos de reflexão e das equipes de pastoral presentes nas paróquias de Maringá. Este vigor pastoral ocasionou na publicação de um “Plano de Pastoral Orgânica dos Bairros da Cidade de Maringá”, em 1974, no qual dava-se acolhida e suporte para as classes mais marginalizadas, reivindicando até mesmo um padre liberado para acompanhar este trabalho. Deste modo, nos dois primeiros Planos de Pastoral (1973 e 1974) se falava muito de um programa de formação para casais chamado CAC, Curso de Atualização Cristã, como forma de acolher os leigos e inseri-los na vida da comunidade paroquial de sua época.

Essa foi uma resposta pastoral no início da organização dos grupos e pequenas comunidades nos anos de 1970 e, tudo indica que o trabalho foi bem-sucedido, sobretudo na cidade de Maringá. Nas cidades circunvizinhas, as avaliações são menos positivas.

A Pastoral dos Bairros (III Plano de Pastoral, 1975), ora identificados nos florescentes Jardim Alvorada, Morangueirinha, Vila Santa Isabel, Vila Vardelina, Vila Emília, Mandacaru, Vila Bosque e Chácara Assaí, constituía a presença eficaz da Igreja naquilo que hoje chamamos de primeiro anúncio (*querigma*). Já as paróquias mais antigas no centro da cidade, com infraestrutura mais estabelecida, proporcionavam as condições para organizar a pastoral diocesana em secretariados, que viriam a ser hoje nossas pastorais diocesanas: Secretariado para a Juventude, para a Catequese, para a Liturgia e para o Cursilho, além da promoção da Campanha da Fraternidade.

Tem-se notícias de que algumas paróquias iniciaram a fazer um Plano de Pastoral Paroquial, ou ao menos um calendário paroquial, como forma de alavancar a ação evangelizadora, inclusive com a presença de leigos comprometidos na evangelização. Nas preocupações existentes consta o aprimoramento da pastoral paroquial orgânica em todos os níveis, através do planejamento comum em todas as paróquias. Habitualmente se utilizava de um formulário respondido pelos agentes locais, dentro das seis linhas de ação pastoral da CNBB (comunhão e participação, missão, catequese, liturgia, ecumenismo e social). A consulta ao laicato estava presente na formulação dos trabalhos pastorais. Também se falava da importância do Movimento Familiar Cristão (MFC) e de encontros para jovens e noivos. Deste modo a diocese de Maringá foi constituindo um rosto pastoral, uma identidade no modo de evangelizar que iria marcar profundamente sua maneira de detectar os desafios da evangelização, a interpretação dos apelos pastorais e a busca por respostas eficazes. Estava, assim, posto na década de 1970 **os fundamentos da ação evangelizadora** da Igreja de Maringá: o planejamento pastoral.

A partir de 1980 a Igreja de Maringá foi elevada à condição

de Arquidiocese e, concomitante a este evento, deu-se a Conferência de Puebla (1979). Implementou-se na Arquidiocese o Conselho Arquidiocesano de Pastoral com representantes das coordenações diocesanas de pastoral, bem como o Centro de Formação de Leigos, tendo aí o Cursilho grande responsabilidade e operacionalidade. A Conferência de Puebla influenciou nas prioridades pastorais da Arquidiocese durante toda esta década, como a implementação das CEB's, a opção preferencial pelos pobres e jovens, a Pastoral Vocacional, a Catequese Renovada, os Meios de Comunicação Social, entre outras, não ignorando a existência de conflitos entre leigos e clero, ou entre uma ação pastoral mais ligada às realidades sociais e a tradicional pastoral paroquial. Não havia propriamente um itinerário sistemático de formação dos leigos como se requer hoje, mas acontecia a partir de um consenso diocesano de formar agentes com base nos respectivos segmentos pastorais a que pertenciam. Apesar disso, em dadas ocasiões a Arquidiocese legislou em favor da elaboração de “Normas Práticas para o CPP” e “Normas práticas para os Sacramentos” (XIII Plano de Pastoral, 1986), dando a entender sua preocupação em oferecer diretrizes na organização pastoral e sacramental junto às paróquias. Tudo isso evidencia a importância que se deu a estabelecer diretrizes e critérios claros na formação do laicato, para que os animadores de grupos, coordenadores de pastoral e ministros da eucaristia fossem dinamizadores dos CPP's. A importância da década de 1980 evidencia o **fortalecimento dos sujeitos da evangelização** presentes nas Comunidades Eclesiais de Base: catequese, juventude, liturgia, grupos de reflexão, ministros da eucaristia, promoção humana etc.

A década de 1990 parece ser o período de consolidação da ação evangelizadora na Igreja de Maringá. Os Planos de Pastoral deste período indicam a necessidade de se aprofundar os sujeitos da evangelização buscando criar, ou então fortalecer e aprimorar os organismos de participação do laicato nas responsabilidades eclesiais. Para isso buscou-se fazer um grande levantamento da realidade pastoral de toda a Arquidiocese, evidenciando dados estatísticos da quantidade de grupos, pastorais e movimentos

eclesiais presentes em cada paróquia. Os números são surpreendentes e demonstram a força e a amplitude de cada segmento eclesial nos diversos Vicariatos (XVI Plano de Pastoral, 1993-1996).

Neste decênio criou-se o Conselho Arquidiocesano de Leigos com suas duas comissões de política e de Comunicação. Também se fortaleceram os centros de formação do laicato (Centro de Encontros - Seminário e ADAR que se transforma em Centro de Pastoral da Arquidiocese - CEPa). Constata-se considerável número de leigos envolvidos na política, nas associações de bairros, sindicatos, conselhos comunitários e em escolas de formação política. Constava também a capacitação de agentes na formação permanente da fé e no serviço de animação das comunidades, na promoção e manutenção da Escola de Formação de Agentes e Cursos de formação da fé. Para a juventude havia Cursos de Formação de Lideranças e animadores de grupos. Diante do sucesso da ação evangelizadora nos anos 1980, a década seguinte estava colhendo frutos e, naturalmente se fez necessário aperfeiçoar as estruturas de evangelização, perfazendo **nos anos de 1990 um período de consolidação** da ação evangelizadora na Arquidiocese de Maringá.

Na virada do milênio há o Jubileu de 2.000 anos do nascimento de Jesus Cristo, e ao mesmo tempo a CNBB amplia sua compreensão pastoral das seis linhas para as quatro exigências da evangelização: serviço, diálogo, testemunho e anúncio. Em Maringá se dava a mudança de Arcebispo, com a chegada em 1997 de Dom Murilo Krieger. Neste período não foi elaborado um plano de pastoral como habitualmente, mas se optou por fazer o CAM: Compromissos da Arquidiocese de Maringá. Neste material constam pontos negativos como a indiferença religiosa, a evasão de católicos e a adesão ao protestantismo neopentecostal e, talvez aqui, se inicia a crise na ação evangelizadora da Igreja de Maringá, sobretudo, pela mudança cultural que rapidamente se abateu sobre a sociedade ocidental com a intensificação do secularismo e da globalização.

No documento se percebem alguns lamentos de que as

paróquias não conseguiam mais organizar efetivamente o anúncio do Evangelho, perfazendo com isto grande dispersão de católicos e vulnerabilidade às outras igrejas. Surgem com bastante impacto pastoral os “encontros de conversão” oferecidos pela Renovação Carismática Católica, mas ainda considerados como iniciativas paralelas à paróquia. A Igreja de Maringá renova seu empenho através do fortalecimento da participação de todos, sobretudo do laicato, por isso reintegrou as estruturas eclesiais como o CPP, a harmoniosa integração das pastorais específicas, dos serviços e movimentos, como “pastoral maior” da Arquidiocese. Neste período se evidencia um grande conflito entre pastorais e movimentos eclesiais, disputando dois modelos eclesiológicos com percepções distintas sobre o papel da Igreja na vida do laicato e sua inserção no mundo. Aqui se situa o **início da crise da evangelização** na Arquidiocese de Maringá.

Em meados do ano 2000 o laicato ganha reforço com a fundação da Escola de Teologia para Leigos. Em 2004 temos a chegada do novo Arcebispo, Dom Anuar Battisti. Em 2007 acontece a Conferência de Aparecida, na qual novas intuições pastorais são formuladas, os agentes pastorais são chamados discípulos missionários de Jesus Cristo. A grande intuição de Aparecida foi despertar toda a Igreja para uma experiência pessoal com Cristo (*querigma*), no exercício da missão de ir ao encontro dos mais afastados, além de renovar as estruturas eclesiais caducas. A novidade de Aparecida abriu novos horizontes para a evangelização, mas ainda não o suficiente para conter a crise da evangelização. Nos Planos de Pastoral deste período se constata reclamações da diminuição na participação dos leigos nos grupos de base e de comunidades, exigindo da Igreja encontrar novas respostas e despertar novas lideranças para o trabalho pastoral, embora o contrário também seja verdade, pois da mesma forma se percebia efetiva participação de leigos engajados em comunidades paroquiais, pastorais e movimentos eclesiais, e mesmo em ambientes extra-eclesiais, como Conselhos Municipais, assessorias políticas e movimentos sociais. Contudo, não era mais um laicato pujante como outrora. No âmbito da juventude era evidente uma crise em seus grupos e na deficiência de renovação dos quadros de

liderança da Pastoral da Juventude.

No quesito formação do laicato houve um grande esforço, constituindo uma Escola Bíblico-Teológica por módulos em cada paróquia. Era um projeto a médio e longo prazo em que 4.000 leigos fariam um processo de formação integral em toda a Arquidiocese, no qual estariam aptos a serem multiplicadores em suas próprias comunidades paroquiais (cf. XXIII Plano de Ação Evangelizadora, 2013-2016). Não faltaram críticas ao projeto, algumas paróquias desistiram do projeto por problemas metodológicos, didáticos e falta de apoio dos padres (cf. XXIV Plano de Ação Evangelizadora, 2017-2020). Contudo, esta Escola Bíblico-Teológica para leigos em módulos foi de grande importância para a formação de lideranças nas paróquias da Arquidiocese e, juntamente com o CAC – Curso de Atualização Cristã, nos anos de 1970, e a fundação da Escola de Teologia para Leigos, se constituíram nos grandes projetos de formação do laicato em nossa Arquidiocese.

Por fim, com a pandemia da COVID 19 e a chegada do novo Arcebispo, Dom Severino Clasen, o atual Plano de Ação Evangelizadora (2017-2020) não foi ainda avaliado, não permitindo constatar seus limites, acertos e erros para com a formação do laicato. De qualquer modo, o novo arcebispo escreveu uma Carta Pastoral (2021), na qual dedicou um capítulo a respeito da Iniciação à Vida Cristã e a formação do Povo de Deus (ministros ordenados e não-ordenados). Nesta Carta propõe que a formação dos leigos deve superar uma compreensão fragmentada, indiferente e unilateral da vida cristã, pois estas distorções corroem o espírito comunitário da fé cristã. Segundo Dom Severino é necessário corrigir a formação laical de cunho exclusivamente devocional ou espiritualmente mundano e ideológico, pois por mais que isto seja agradável a parcelas dos fiéis, não condiz com a essência da mensagem evangélica anunciada pela Igreja do Brasil.

A Arquidiocese precisa avançar na formação dos leigos através do revigoramento dos estudos bíblico-teológicos, de maneira que desperte novas lideranças e fortaleça as pastorais, os grupos de reflexão, as CEB's, e, sendo assim, encontre novos meios e respostas de promoção da Igreja-comunidade. Por isso, se faz imprescindível desenvolver um itinerário sistemático e processual

de aprofundamento nas diversas áreas no curto e médio prazo, isto é: um programa de formação do laicato. Para isso constituiu-se a “Comissão de Formação Teológico-Pastoral para Cristãos Leigos e Leigas”, cujo itinerário se está construindo.

### **Novas Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil: Instrumento de Trabalho** (Pe. Sidney Fabril)

O Instrumento de Trabalho das Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil (DGAE) que serão aprovadas em 2026 traz como Objetivo Geral: “Evangelizar, anunciando Jesus Cristo, como Igreja peregrina e sinodal, fundada na Palavra e nos Sacramentos, no testemunho de fé, esperança e caridade; formando comunidades de discípulos missionários, valorizando a piedade popular; fiel à evangélica opção preferencial pelos pobres, cuidando da criação, a caminho da plenitude do Reino”. O texto chama a Igreja a ser tenda que se abre e se alargue para acolher a todos: “Alarga o espaço da tua tenda, estende as cortinas das tuas moradas, não te detenhas, alonga as cordas, reforça as estacas” (Is 54,2).

O mesmo instrumento de trabalho destaca esperanças, desafios e empecilhos encontrados em nosso país. Lembra que esse alargar a tenda é movimento contrário ao de fechar as portas, ou concentrar-se dentro das igrejas, que tenda não é construção rígida, fixa, mas está a caminho.

O Sínodo sobre a Sinodalidade elenca três palavras como fundamentos do discernimento sobre a evangelização:

1. Comunhão: realidade mais íntima da Igreja, pela qual participa da vida de Deus;
2. Participação: é a forma como a comunhão é vivida na história, formando um só corpo com muitos membros;
3. Missão: coloca a Igreja a serviço do Reino de Deus.

Por isso seus membros precisam realizar a Conversão: conversão é volta a Jesus Cristo, renovando o ardor pessoal e eclesial (comunitário) de ser discípulo missionário da Boa Nova.

Conversão pastoral é mudança de estruturas, métodos e processos eclesiais. Conversão pastoral missionária é renovação da mentalidade, das atitudes, das práticas, das estruturas e das opções, superação de modelos ultrapassados (concentração de responsabilidade no clero), apontando linhas de ação (carismas, ministérios e corresponsabilidade).

Comunhão: A sinodalidade é a dimensão constitutiva da Igreja que implica a participação de todos os fiéis, por força de seu Batismo, em sua vida ativa, na edificação do seu corpo. A Igreja é plenamente católica quando todos, de diversos modos, se unem pela mesma meta: o Reino de Deus.

Participação: gera senso de pertença. “Vós todos sois o corpo de Cristo e, individualmente, sois membros desse corpo” (1Cor 12,27). Participar é dom, ter parte no legado da fé que nos foi dada no batismo. Produz senso de corresponsabilidade. Há ameaças à pertença: diversos grupos fechados e sectários, baseados somente em experiências midiáticas, criando uma vida cristã paralela à diocese ou à paróquia, pessoas que se dizem católicas, mas escolhem ficar fora da comunhão com o bispo diocesano e o Papa.

Missão: é o horizonte da evangelização, urge anunciar o essencial, o destaque, então, é para o querigma. Conter o amor de Deus apenas para si é contraditório. Não há como ser cristão sem ser missionário.

A missão possui diversos âmbitos: a) dos que se comprometem efetivamente, b) dos que conservam a fé católica intensa e sincera, mas não frequentam as celebrações comunitárias, c) dos batizados não suficientemente evangelizados, d) dos que se tornaram indiferentes a Jesus Cristo ou sempre o recusaram. Também há atitudes que não favorecem a missionariedade: os que preferem uma pastoral de manutenção, os que estão satisfeitos com a ilusão da Igreja cheia, os que se realizam com a pastoral organizada, os eventos e liturgias, com as receitas financeiras suficientes, os que se sentem cansados por assumirem muitas atividades e não tem tempo para a missão.

Cristo nos impulsiona a ir ao encontro dos afastados, daqueles que não se sentem pertencentes à família de Deus. São os

que estão fora batendo à nossa porta pedindo para batizar seus filhos, pedindo uma missa de sétimo dia, uma bênção ou aconselhamento, são os migrantes que nos buscam, os pobres que nos pedem ajuda, os injustiçados que clamam seus direitos.

A corresponsabilidade pela Igreja local solicita que as comunidades criem organismos e instrumentos para tornar a igreja mais sinodal: Conselho Pastoral, Conselho de Assuntos Econômicos, Conselho Presbiteral, Organismos do Povo de Deus, Organismos e Projetos Missionários, Comunicação, Ecumenismo e Diálogo Inter-religioso, Educação etc.

Para alargar a tenda da comunidade de fé, revitalizar a experiência cristã e fortalecer o discipulado missionário, as DGAE assumirão cinco caminhos que são como que estacas que brotam da missão, chamados Caminhos da Missão: 1) Animação Bíblica da Pastoral; 2) Iniciação à Vida Cristã; 3) Comunidades de discípulos missionários; 4) Liturgia e Piedade Popular; 5) Serviço à vida plena para todos.

### **O Vento do Vaticano II e a Continuidade Profética em Francisco e Leão XIV (Pe. Genivaldo Ubinger)**

O tempo presente da Igreja é marcado pelo sopro do Espírito Santo que nos conduz à plena vivência do Concílio Vaticano II: O pontificado de Francisco que nos chama a uma nova postura: a de sermos uma Igreja em Saída.

“Prefiro uma Igreja acidentada, ferida e enlameada por ter saído pelas estradas, a uma Igreja enferma pelo fechamento e a comodidade de se agarrar às próprias seguranças” (*Evangelii Gaudium*, n.º 49).

Esta conversão pastoral é continuada pelo seu sucessor. O Papa Leão XIV, desde a sua eleição em abril de 2025, tem confirmado este caminho, garantindo que o espírito da Sinodalidade e da Misericórdia se torne uma estrutura estável e duradoura na Igreja.

O Paradigma da Missão: de Alfândega a hospital de

campanha – do controle ao acompanhamento.

A Igreja em saída sabe que a evangelização se faz com os pés, mas principalmente com o coração, rejeitando o paradigma do controle. Nossa primeira tentação é a do Clericalismo, que transforma o serviço em poder e o sacerdote em fiscal. “O clericalismo, com efeito, longe de gerar comunhão eclesial, gera divisões e, sobretudo, 'deslegitima' o Povo fiel de Deus” (Carta do Papa Francisco ao Povo de Deus, 2018).

Quando agimos como Pastoral de Alfândega tornamo-nos controladores de fronteira. O Evangelho, porém, chama-nos a ser como o Bom Samaritano, a Igreja do Encontro, aquela que acolhe a todos, sabendo que o Sacramento é remédio para os doentes, e não prêmio para os justos.

A lógica suprema da nossa ação deve ser a Misericórdia. Esta pastoral da acolhida se concretiza no discernimento gradual, consolidado pelo Magistério recente.

Acolher e Acompanhar: a Igreja deve escutar a história de vida com amor;

Discernir: Ajuda a pessoa a examinar a sua consciência diante de Deus, encontrando o “passo possível” para a frente;

Integrar: Buscar a máxima participação possível na vida da Igreja.

“Compreendo aqueles que preferem uma pastoral mais rígida... mas creio sinceramente que Jesus Cristo quer uma Igreja atenta ao bem que o Espírito derrama no meio da fragilidade (...). Quando um casal sincero se encontra com um pastor zeloso e ambos buscam a vontade de Deus, o caminho de integração torna-se mais fácil e luminoso” (*Amoris Laetitia*, n.º 313, 317).

*A Escolha de Cristo: Uma Igreja Pobre com os Pobres*

A opção pelos pobres não é uma opção política, mas uma escolha cristológica. O pobre é um “lugar teológico”, onde encontramos a carne sofredora de Cristo. O nosso maior pecado social é a Globalização da Indiferença, que transforma tragédias humanas em meros dados estatísticos. Este é o fruto de uma Cultura do Descarte que marginaliza o que não produz lucro.

“A cultura do bem-estar, que nos leva a pensar em nós mesmos, torna-nos insensíveis aos gritos dos outros... Perdemos o

sentido da responsabilidade fraterna” (Homilia do Papa Francisco na missa em sufrágio pelos mortos no naufrágio ao ser recusada sua entrada na Itália, em Lampedusa, 2013).

A Igreja deve ser uma Casa de portas abertas. *Contra os Muros*: “O medo e a rejeição dos outros acabam por se converter numa forma de isolamento destrutivo” (*Fratelli Tutti*, n.º 27). *Acolhimento Radical*: A nossa missão é acolher, proteger, promover e integrar os migrantes e os excluídos. O acolhimento é a única forma de combater a indiferença e construir a Fraternidade Universal.

### *O Resgate do papel da mulher na Igreja*

Não podemos ser um “Povo de Deus” completo se ignorarmos a presença e a sabedoria da mulher. O resgate do feminino é uma exigência teológica para a Sinodalidade. A Igreja é Mãe e Esposa, e por isso é essencialmente Feminina. O Princípio Mariano (acolhimento, fidelidade, mística) é mais importante que o Princípio Petrino (hierarquia). “É preciso alargar os espaços para uma presença feminina mais incisiva na Igreja. O gênio feminino é necessário em todas as expressões da vida da Igreja” (*Evangelii Gaudium*, n.º 103).

Ao combater o Clericalismo, Francisco abriu caminho para que a autoridade batismal da mulher seja reconhecida em cargos de governo e decisão. O Papa Leão XIV formalizou este desejo, exigindo a presença e o voto de mulheres nos conselhos de discernimento e tribunais eclesiais, enriquecendo a Igreja com a sua capacidade de escuta e julgamento.

### *A Consolidação da Missão: O Pontificado de Leão XIV*

O Papa Leão XIV foi eleito em 26 de abril de 2025 e deu início solene ao seu pontificado em 29 de abril de 2025, sucedendo imediatamente a Francisco. A sua missão tem sido garantir que os avanços do Concílio se tornem a lei e a estrutura da Igreja.

Leão XIV transformou o processo sinodal em um modo de ser permanente na Igreja. A Palavra de Ordem: *O Motu Proprio Communio in Via* (Comunhão no Caminho) de Leão XIV,

institucionalizou a Comissão Permanente de Discernimento Sinodal em cada diocese. O objetivo é garantir que o diálogo entre leigos, clero e bispos seja a forma ordinária de governo, consolidando a visão do Vaticano II.

O sucessor de Francisco aprofundou a agenda de *Laudato Si* com gestos e pronunciamentos claros, consolidando que a preocupação com o meio ambiente é uma exigência da fé cristã.

O Novo Desafio: A Exortação Apostólica *Dona Nostra* (Nosso Dom) de Leão XIV, alertou sobre a "Indiferença Digital" como a nova face da globalização da indiferença, exigindo que a tecnologia e a Inteligência Artificial sejam guiadas pela ética da Fraternidade Universal e não apenas pelo lucro.

O Papa Leão XIV, ao formalizar a lógica da misericórdia e ao exigir que o "gênio feminino" esteja em todas as estruturas de decisão, garante que a "Igreja em Saída" não seja uma moda passageira, mas o futuro da Igreja.

#### *Conclusão: A Mística do Amor*

O convite à Santidade do Cotidiano (*Gaudete et Exsultate*) é o nosso chamado final. “Não tenhamos medo de nos misturar com a multidão, de tocar as feridas, de participar nas dores” (*Evangelii Gaudium*, n.º 24).

O critério de discernimento pastoral que nos guia é: Esta minha atitude está a facilitar o encontro desta pessoa com Jesus, ou estou a servir de obstáculo?

Sejamos, pois, pastores que acompanham o Povo de Deus, que se prostram diante dos pobres e que constroem uma Igreja onde todos, sem exceção, são amados e integrados no caminho da misericórdia. A conversão de que precisamos é a do nosso coração, para que ele seja a morada da Sinodalidade do Amor.

## 3ª PARTE - AGIR

Queremos transformar em ação as luzes que recebemos da realidade, do Magistério da Igreja, da reflexão sinodal assemblear.

### **Objetivo Geral**

"Evangelizar, anunciando Jesus Cristo, por meio da Iniciação à Vida Cristã e na formação continuada de cristãos leigos e leigas, com atenção às juventudes, em profundo compromisso sinodal, fiel à evangélica opção preferencial pelos pobres, rumo à plenitude do Reino de Deus".

### **Prioridades**

A Assembleia Arquidiocesana elegeu como Prioridades do 25º Plano da Ação Evangelizadora:

- 1) Iniciação à Vida Cristã
- 2) Juventudes
- 3) Formação Continuada de Leigos e Leigas;

Abaixo apresentamos os Projetos de Cada Prioridade:

## **Prioridade: Iniciação à Vida Cristã**

### **Projeto – Paróquia: Casa de Iniciação à Vida Cristã**

#### **1. OBJETIVO GERAL**

Promover nas paróquias da Arquidiocese de Maringá um processo de conversão pastoral e renovação das estruturas evangelizadoras, para que se tornem verdadeiras Casas da Iniciação à Vida Cristã, nas quais todas as pastorais, movimentos, serviços e organismos eclesiais assumam a IVC como eixo unificador e princípio inspirador da ação evangelizadora, formando discípulos missionários por meio da experiência querigmática e mistagógica e da vivência comunitária da fé.

#### **2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS**

- Promover maior integração entre catequese, liturgia, pastoral missionária, movimentos e demais serviços da comunidade;
- Desenvolver processos de sensibilização e formação para lideranças paroquiais fundamentados na inspiração catecumenal, na espiritualidade missionária e na conversão pastoral;
- Instituir o Ministério de Introdutor como serviço de acompanhamento da caminhada de fé;

#### **3. JUSTIFICATIVA**

Diante dos desafios da sociedade contemporânea, marcada pelo secularismo, individualismo, enfraquecimento dos vínculos comunitários e fragilidade da experiência de fé, a Igreja no Brasil reafirma a urgência de uma ação evangelizadora centrada na IVC, inspirada no catecumenato e sustentada por uma Igreja em espírito de comunhão, participação e missão.

As Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no

Brasil destacam que a Igreja é chamada a formar discípulos missionários por meio de processos contínuos de evangelização, capazes de conduzir as pessoas a um encontro pessoal com Jesus Cristo, favorecendo a experiência comunitária, litúrgica, missionária e mistagógica. Nesse sentido, a IVC apresenta-se não apenas como um setor ou metodologia catequética, mas como eixo unificador da ação evangelizadora e caminho de renovação pastoral (CNBB, Doc. 114, n. 110).

O Documento 107 da CNBB reforça que “a inspiração catecumenal é um caminho para toda a Igreja” (n. 49), convocando as comunidades a superarem uma pastoral de mera conservação e assumirem processos evangelizadores permanentes, centrados no querigma, na experiência de fé e no acompanhamento das pessoas. Tal perspectiva encontra ressonância no chamado do Papa Francisco para uma “Igreja em saída”, missionária, acolhedora e próxima das realidades humanas (EG n. 24).

Na caminhada da Arquidiocese de Maringá, o discernimento pastoral realizado em Assembleia Arquidiocesana reconheceu a necessidade de fortalecer comunidades missionárias, acolhedoras e iniciáticas. Como fruto desse processo sinodal, a IVC foi assumida como prioridade Arquidiocesana, expressando o compromisso da Igreja Particular com uma profunda conversão pastoral e renovação das estruturas evangelizadoras.

Assumir a IVC como prioridade arquidiocesana significa responder com fidelidade à missão evangelizadora da Igreja, renovando a vida pastoral das paróquias e constituindo comunidades cada vez mais discípulas, missionárias e mistagógicas, capazes de despertar a fé, acompanhar as pessoas e testemunhar o Evangelho no mundo atual.

## **4. PARÓQUIA: CASA DE INICIAÇÃO À VIDA CRISTÃ**

### **4.1 Descrição (o que é?)**

A Paróquia Iniciática acontece quando seus membros, gradativa e constantemente, pela experiência querigmática e

mistagógica do encontro pessoal com Jesus Cristo e seu Reino, vão tornando-se conscientes e assumindo o seu chamado a serem discípulos missionários. Assim, a paróquia passa a se compreender e organizar-se em chave missionária, “em saída”, para buscar as pessoas que ainda não são membros da comunidade ou estão se aproximando da vivência comunitária da fé.

A Paróquia é iniciática quando - pelas relações entre seus membros e agentes, pelo seu serviço à vida plena para todas as pessoas, pela liturgia e piedade popular, pela pregação do Reino de Deus anunciado e inaugurado por Jesus Cristo – oferece um testemunho credível capaz de despertar, acolher e acompanhar pessoas, inserindo-as no seguimento de Jesus Cristo, no compromisso com seu Reino e na vivência comunitária da fé.

A Paróquia Iniciática, desta forma, deve compreender-se e, conseqüentemente, estruturar-se como uma “mãe em gestação” de novos filhos de Deus em Cristo. A atenção de todos os seus membros já iniciados, suas expressões e estruturas devem voltar-se para as pessoas que estão em processo de iniciação e/ou que estão fora desta “família reunida em nome de Cristo”.

#### **4.2 Sujeitos e passos para uma Paróquia Iniciática (A Quem, Por Quem, Como e Quando)**

Ainda que a Paróquia Iniciática compreenda que todos os seus membros, agentes e expressões (grupos, movimentos, pastorais, serviços e organismos) estejam a serviço dessa tarefa, entende-se também que isso se dará por um processo gradativo e contínuo, no qual alguns sujeitos eclesiais são chamados ao protagonismo na condução dessa tarefa.

Destacam-se como sujeitos fundamentais desse processo: 1) O CPP, que, por meio de sua Diretoria, deverá assumir a função de Comissão Paroquial da IVC; 2) Os Introdutores, que precisam ser reconhecidos, formados e acompanhados nessa missão.

Seguem os passos, sujeitos envolvidos, ações e meios no processo da reestruturação da Paróquia: Casa de iniciação à Vida Cristã.

## **5. Sensibilização**

### **5.1 Constituição da Comissão Arquidiocesana da IVC**

- **Para quem?** A nível arquidiocesano
- **Por quem?** Coordenação da Ação Evangelizadora e Arcebispo
- **Quando?** Em 2026

### **5.2 Formação em nível Arquidiocesano: Congresso da IVC**

- **Para quem?** Diretorias dos CPPs e CAAE
- **Por quem?** Comissão Arquidiocesana e assessoria especializada em âmbito nacional.
- **Quando?** Primeiro quadrimestre de 2027.

### **5.3 Formação em nível de Região Pastoral**

- **Para quem?** Todos os membros CPPs, CAEs e COMIPAs.
- **Por quem?** Comissão Arquidiocesana e Coordenação da Região Pastoral.
- **Quando?** Segundo Semestre de 2027

### **5.4 Em nível Paroquial**

Garantir que a IVC seja abordada nas reuniões do CPPs, bem como das formações, retiros, novenas de padroeiros e demais momentos formativos da paróquia.

### **5.5 Em nível de Pastorais, Grupos, Movimentos, Organismos e Serviços**

Os Encontros anuais desses grupos, bem como dos ministros ordenados, deverão priorizar o tema da IVC e sua relação com o próprio carisma e missão.

## **6. Elaboração dos itinerários e propostas formativas**

### **6.1 Elaboração de Subsídios**

- **Para quem?** Formação de Introdutores e Lideranças em geral
- **Por quem?** Comissão Arquidiocesana e Assessoria especializada
- **Quando?** Ano 2027

**Obs.:** A comissão Arquidiocesana da IVC fornecerá um itinerário formativo contemplando desde os grupos de CEBs até os encontros arquidiocesanos.

## **6.2 Formação dos Introdutores**

- **Para quem?** Pessoas indicadas pelas comunidades e PMOS
- **Por quem?** Comissão Arquidiocesana da IVC e Coordenação da RP
- **Quando?** Quaresma de 2028 à Solenidade de São João Batista de 2029.

**Nota:** São João Batista apresenta-se como o grande modelo do Introdutor na Iniciação à Vida Cristã, aquele que aponta o Cordeiro de Deus e convida: “Eis o Cordeiro de Deus” (Jo 1,29).

## **7. Compromisso em assumir a IVC como caminho de crescimento - Paróquia, mãe geradora de novos Filhos na Fé**

### **7.1 Integração das PMOS**

- **Para quem?** Membros das PMOS e comunidades paroquiais.
- **Por quem?** CPP e Comissão Arquidiocesana da IVC
- **Quando?** A partir da Páscoa de 2027
- **Como?**

**a)** Cartilha arquidiocesana para os CPPs e lideranças paroquiais com orientações metodológicas, temáticas, teológicas sobre a Paróquia Iniciática, publicada a partir da Páscoa de 2027.

**b)** Ações missionárias de visitação, acolhida e acompanhamento às famílias e às pessoas afastadas da comunidade de fé.

**c)** Reserva de vagas, pelas pastorais e movimentos, para pais e responsáveis pelos catequizandos nos encontros e retiros destinados às famílias.

**d)** Criação de um conjunto de ações, envolvendo pastorais, movimentos e serviços no acolhimento dos catequizandos e de suas famílias, possibilitando a experiência de seus carismas como caminho de integração e continuidade da vida cristã.

**OBS.:** O projeto estabelece caminhos de ação em uma perspectiva de tempo até o ano de 2029, tendo presente que tais ações deverão ser retomadas, aprofundadas e ter continuidade até 2032, período previsto para a plena execução e consolidação do projeto.

## **8. Avaliação**

O processo avaliativo acontecerá de forma permanente, por meio do acompanhamento contínuo das paróquias, pastorais, movimentos, grupos e serviços, favorecendo a escuta, o discernimento e a revisão das ações desenvolvidas.

Também contará com momentos específicos de avaliação realizados nas Assembleias Arquidiocesanas, a cada dois anos, oportunizando a análise dos avanços, desafios e encaminhamentos do projeto de Iniciação à Vida Cristã na caminhada da Arquidiocese.

## **9. Recursos Financeiros**

As formações, encontros e demais atividades realizadas em âmbito arquidiocesano serão subsidiadas pelos recursos previstos no orçamento da Ação Evangelizadora. As despesas referentes às ações paroquiais e de Região pastoral ficarão sob a responsabilidade de cada.

# **Prioridade: Juventudes**

## **Projeto 1: Pastoral Universitária**

### **Introdução:**

A evangelização da juventude no meio universitário é um desafio de enormes complexidades para a Igreja, haja vista as transformações culturais, sociais e intelectuais nos tempos atuais. Portanto, requer uma ação evangelizadora que venha articular a comunidade acadêmica – estudantes, professores e servidores – em iniciativas sociais e eclesiais. É necessário avançar para uma pastoral que vai além de ações meramente sacramentalistas.

### **1. OBJETIVO GERAL:**

Oferecer à comunidade acadêmica ocasião de espiritualidade, reflexão e articulação de um projeto eclesial de interação entre a fé e a razão.

### **2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS**

- Oferecer à comunidade acadêmica celebrações eucarísticas e confissões, como espaços de vivência da fé e imersão na espiritualidade cristã;
- Proporcionar às paróquias um contato com a realidade universitária através de ações litúrgicas e pastorais, na perspectiva da ação missionária;
- Oportunizar aos padres um espaço de diálogo entre a fé e a razão, através da imersão sacramental e do debate acadêmico;
- Promover uma melhor interação entre a Arquidiocese de Maringá e as universidades públicas e privadas.

### **3. JUSTIFICATIVA**

É urgente a presença da Igreja de Maringá no meio universitário. O ambiente universitário requer cada vez mais uma presença eclesial que ajude a comunidade acadêmica a encontrar um suporte espiritual e comunitário, de maneira que, instituir a Pastoral Universitária estruturada em capelarias universitárias, se tornará de grande importância para a evangelização do meio acadêmico, sobretudo com a juventude.

#### **4. METODOLOGIA**

- Celebração de missas semanais nos campi universitários: UEM, Uningá, Unicesumar, Unicive Unifamma e Faculdade Maringá; bem como nas demais cidades: Mandaguari, Jandaia do Sul e Nova Esperança;
- Atendimento de confissões uma hora antes da celebração eucarística;
- Atividades conjuntas com toda a comunidade acadêmica – estudantes, professores e servidores – para a realização de ações de interesse comum entre a fé e a razão;

#### **5. RESPONSABILIDADES**

- Nomeação de presbíteros para o ofício de capelão universitário para atender os campi, sendo de sua responsabilidade a presidência das missas e o atendimento das confissões;
- A Pastoral Universitária ficará responsável pela divulgação das missas no campus universitário, bem como pela acolhida dos universitários e demais membros da comunidade acadêmica;
- Fica sob a responsabilidade das paróquias preparar e organizar as celebrações eucarísticas nos campi: ministros da eucaristia, leitores, salmistas, grupo de música etc.
- O capelão universitário terá a responsabilidade de articular a Pastoral Universitária junto aos estudantes, professores e servidores na sua própria capelania, no intuito de integrar a comunidade acadêmica num projeto de evangelização, ampliando a compreensão de uma pastoral meramente sacramentalista.

#### **6. ESTRUTURA**

- Estabelecer de comum acordo com a universidade a periodicidade das atividades da Pastoral Universitária, bem como o dia, local e horário das suas atividades.
- Estabelecer – a partir de um cronograma – um processo gradativo de ações pastorais que congregue os diversos sujeitos acadêmicos em ações conjuntas.
- Instituir capelanias universitárias que reúnam junto de si um grupo de paróquias que as auxilie no desenvolvimento das

celebrações da eucaristia e confissões, sendo, estas:

- Instituir capelarias universitárias que reúnam junto de si um grupo de paróquias que as auxilie no desenvolvimento das celebrações da eucaristia e confissões, sendo, estas:

✓ **Capelania 1 (UEM):**

- ✓ Paróquia Santa Maria Goretti
- ✓ Paróquia Nossa Senhora Aparecida
- ✓ Paróquia Santo Antônio de Pádua
- ✓ Paróquia Santa Isabel de Portugal
- ✓ Paróquia São Francisco de Assis

✓ **Capelania 2 (Uningá):**

- ✓ Paróquia Santa Clara de Assis
- ✓ Paróquia Sagrado Coração de Jesus
- ✓ Paróquia Santo Expedito
- ✓ Paróquia São Mateus Apóstolo

✓ **Capelania 3 (Unicesumar):**

- ✓ Paróquia São Miguel Arcanjo
- ✓ Paróquia São Silvestre
- ✓ Paróquia Nossa Senhora de Guadalupe
- ✓ Paróquia Menino Jesus de Praga e São Francisco Xavier
- ✓ Paróquia Santa Rita de Cássia

✓ **Capelania 4 (Unicive):**

- ✓ Paróquia Nossa Senhora da Glória (catedral)
- ✓ Paróquia São José Operário
- ✓ Paróquia Divino Espírito Santo
- ✓ Paróquia Cristo Ressuscitado

✓ **Capelania 5 (Unifamma):**

- ✓ Paróquia Santa Rosa de Lima
- ✓ Paróquia Nossa Senhora do Perpétuo Socorro
- ✓ Paróquia Santa Joaquina de Vedruna
- ✓ Paróquia Nossa Senhora da Liberdade

✓ **Capelania 6 (Faculdade Maringá):**

- ✓ Paróquia Nossa Senhora do Rosário
- ✓ Paróquia São Bonifácio
- ✓ Paróquia Santa Paulina
- ✓ Paróquia Nossa Senhora de Lourdes e São Judas Tadeu

## **7. CRONOGRAMA**

A Pastoral Universitária terá como horizonte de trabalho os seguintes passos:

- **2027:** Conhecer e mapear a realidade sócio-ecclesial da universidade: Identificar jovens e professores interessados na articulação de um projeto pastoral universitário;  
✓ Celebração de missas e confissões.
- **2028:** Iniciar com alguma atividade de convite e motivação que seja do interesse de estudantes e/ou professores, tais como: cine fóruns, debates, podcasts, projetos sociais, voluntariado etc.  
✓ Celebração de missas e confissões.
- **2029:** Oferecer atividades que englobam os três eixos da Pastoral Universitária: Espiritualidade, reflexão e ação socioeducacional.  
✓ Celebração de missas e confissões.
- **2030:** Articular ações socioeducacionais que favoreçam a solidariedade da comunidade acadêmica junto às comunidades eclesiais, sobretudo as mais carentes, no intuito de oferecer serviços solidários e reflexões científicas, tais como: missões, projetos sociais nas comunidades carentes etc.  
✓ Celebração de missas e confissões.
- **2031:** Estabelecer um projeto diocesano que englobe todas as iniciativas da Pastoral Universitária na Arquidiocese de

Maringá, com possibilidade de instituir uma Paróquia Universitária.

✓ Celebração de missas e confissões.

## **8. RECURSOS**

- Aquisição de material litúrgico para as celebrações: vinho, hóstias, lecionário, missal, vasos sagrados, toalha etc.
- Orçamento arquidiocesano previsto para a Pastoral Universitária.

## **9. OBSERVAÇÃO**

Devido às várias intervenções durante a última plenária pedindo adaptações ao projeto, a Assembleia definiu que este projeto passará por revisão após um ano de execução.

## **Projeto 2: Fortalecimento das Expressões Juvenis**

### **Introdução:**

A diversidade de expressões juvenis é uma realidade relativamente nova na Igreja do Brasil. Algumas são mais antigas, de longa data, outras mais recentes e com grande impacto na vida da Igreja local. A Igreja de Maringá num gesto sincero de sinodalidade e comunhão eclesial quer potencializar os diversos carismas destas expressões juvenis na pastoral de conjunto da Arquidiocese, favorecendo a integração e o fortalecimento destas novas realidades eclesiais na vida da Igreja local.

### **1. OBJETIVO GERAL**

Fortalecer as expressões juvenis através de ações pastorais de integração, espiritualidade e conscientização sociocultural.

### **2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS**

- Aproximar as expressões juvenis da caminhada pastoral da Arquidiocese de Maringá, através de ações conjuntas com outras pastorais;
- Conscientizar a juventude a respeito de demandas

socioculturais de nossa época: migração, ecologia, esporte, missão, artes etc.;

- Criar espaços de amizade e comunhão eclesial entre os diversos carismas das expressões juvenis, favorecendo a integração e a pastoral de conjunto na Arquidiocese de Maringá.

### **3. JUSTIFICATIVA**

É necessário intensificar a integração pastoral entre as expressões juvenis, bem como aproximar os carismas juvenis junto à caminhada pastoral da Arquidiocese de Maringá. Os carismas das expressões juvenis são uma riqueza para a Igreja, pois esta diversidade de dons e carismas tem o potencial de engajar a juventude nas diversas demandas pastorais de nossa Arquidiocese, a partir de pastorais específicas que lidam com a ecologia, migração, cultura, arte, esporte etc. Portanto, favorecer e fortalecer as expressões juvenis constitui em vincular os carismas juvenis com a pastoral orgânica da Arquidiocesana.

### **4. METODOLOGIA**

- Uma ação pastoral anual em parceria com alguma pastoral da Arquidiocese: plantio de árvores, festival de música e teatro, campeonato de futebol, missão jovem etc.
- Estender a ação pastoral em questão para as outras atividades propostas pelo Setor Juventude, de maneira que, favoreça a espiritualidade, a formação e a comunhão eclesial entre as diversas expressões juvenis.

### **5. RESPONSABILIDADES**

- Setor Juventude juntamente com a pastoral e/ou movimento eclesial em questão.

### **6. CRONOGRAMA**

- Setor Juventude juntamente com a pastoral e/ou movimento eclesial em questão.
- **2027:** Campeonato de futebol: parceria com a Renovação Carismática Católica;

✓ Esporte como meio de cuidar da saúde mental, física etc.

- **2028:** Plantio de árvores: parceria com a Pastoral da Ecologia Integral;  
✓ Cuidado com a Casa Comum;
- **2029:** Missão Jovem: parceria com o COMIDI (CAM 7);  
✓ Celebrar o 7º Congresso Latino Americano Missionário (Curitiba);
- **2030:** Festival de culturas: parceria com a Pastoral do Migrante/Cáritas;  
✓ Acolher, escutar e integrar o migrante/refugiado em nossa Igreja;
- **2031:** Concurso bíblico: parceria com a Equipe de Animação Bíblica;  
✓ Fomentar o estudo bíblico numa perspectiva lúdica e descontraída;
- **2030:** Show vocacional: parceria com o SAV;  
✓ Celebrar o jubileu de 75 anos da Arquidiocese de Maringá.

## **7. RECURSOS**

- Para cada atividade terá um orçamento próprio de acordo com o ano em questão. Algumas atividades se autossustentam, outras demandam parcerias e subsídios arquidiocesanos.

## **Projeto 3: Itinerário Paroquial de Iniciação à Vida Cristã com Jovens**

### **Introdução:**

A evangelização das juventudes exige um caminho orgânico, capaz de conduzir os jovens ao encontro pessoal com Cristo, à inserção na comunidade eclesial e ao compromisso missionário. Em comunhão

com a caminhada da Arquidiocese, este projeto busca iniciar os adolescentes e jovens na fé a partir de um itinerário paroquial de inspiração catecumenal de formação, acompanhamento e missão, despertando nos jovens o sentido de pertença e de corresponsabilidade na vida da Igreja.

## **1. OBJETIVO GERAL**

Promover um itinerário paroquial de iniciação à vida cristã das juventudes, por meio da formação integral, do engajamento eclesial e o protagonismo missionário, a fim de inseri-los na comunidade paroquial.

## **2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS**

- Criar espaços de formação e espiritualidade para os adolescentes e jovens na vida paroquial;
- Apresentar o rosto da Igreja paroquial aos adolescentes e jovens no intuito de acolhê-los e iniciá-los na fé;
- Valorizar o protagonismo juvenil na vida da comunidade paroquial através de ações sistemáticas e planejadas;
- Oportunizar à comunidade paroquial conhecer os adolescentes e jovens na sua criatividade e dinamismo.

## **3. JUSTIFICATIVA**

Muitos jovens não se identificam com os carismas das expressões juvenis, mas tem potencial para participarem da vida paroquial, se engajando nos diversos ministérios e serviços existentes na paróquia. Alguns se reconhecem apenas como membros da assembleia litúrgica, sem nenhum vínculo com o dinamismo pastoral da comunidade paroquial. Outros jovens, sequer tem uma presença nas celebrações litúrgicas, sem nenhum vínculo ou identificação com a fé cristã (sentimento de pertença). É necessário propor um itinerário de inspiração catecumenal de iniciação à vida cristã para jovens, de maneira sistemática e por faixa etária, que se desenvolva um programa que contemple: conhecer a realidade juvenil – formar jovens para a fé – acompanhar esses jovens – enviar em missão.

#### **4. METODOLOGIA**

Para cada etapa se requer metodologias próprias, considerando que o projeto prevê quatro etapas: conhecer, formar, acompanhar e enviar.

#### **5. RESPONSABILIDADES**

Setor Juventude, juntamente com uma Equipe Arquidiocesana para elaborar os itinerários de iniciação à vida cristã e, igualmente, para a sua capacitação junto às paróquias.

#### **6. CRONOGRAMA**

- **2027:** Conhecer a realidade juvenil:
  - ✓ Mapeamento e diagnóstico das juventudes nas comunidades paroquiais;
  - ✓ Constituição de uma Equipe Arquidiocesana para elaborar um itinerário formativo para adolescentes e jovens, segundo faixas etárias, a partir dos 13 anos, com a participação da Pastoral de Adolescentes e a Comissão da IVC – Iniciação à Vida Cristã.
- **2028:** Formar Formadores de Juventude:
  - ✓ Capacitar adultos (jovens maduros) para o processo de formação de adolescentes e jovens nas paróquias, a partir de um itinerário formativo;
    - Programa de estudos e formação deste itinerário formativo.
  - ✓ Realizar 10 catequeses do Arcebispo sobre o querigma e o pertencimento eclesial e sua relação com a fé dos adolescentes e jovens.
    - Mensalmente em alguma paróquia, com a presença de jovens;
  - ✓ Reproduzir trechos das catequeses nas redes sociais do Setor Juventude, Arquidiocese e, sobretudo, nas paróquias.
    - Divulgar os itinerários de iniciação cristã para adolescentes e jovens.

- **2029:** Formar jovens para a fé em Cristo:
  - ✓ Realizar uma Escola da Fé para jovens com temas diversos sobre a fé cristã (Não confundir com catequese);
    - Liturgia, Bíblia, Catecismo da Igreja Católica, História da Igreja, História dos santos etc. em nível paroquial;
    - Apresentação e assimilação de um itinerário de iniciação à vida cristã na vida paroquial – liturgia, catequese, caridade.
- **2030:** Acompanhar os adolescentes e jovens no processo de inspiração catecumenal de iniciação à vida cristã:
  - ✓ Estabelecer parâmetros e critérios para acompanhar o engajamento dos jovens na vida paroquial;
- **2031:** Enviar os jovens em missão:
  - ✓ Ser missionário em sua própria comunidade significa o engajamento na vida paroquial, sendo esta a expressão da iniciação à vida cristã, nos âmbitos da liturgia, catequese e caridade;
  - ✓ Possibilidade da cooperação missionária na diocese de

## Prioridade: Formação continuada de leigas e leigos

### Contexto histórico:

Antes de apresentar os projetos do 25º Plano da Ação Evangelizadora, acreditamos que seja importante destacar o projeto da Comissão de Formação, já em andamento, na Arquidiocese de Maringá.

Desde o ano de 2021, essa equipe vem refletindo sobre a formação das leigas e leigos em nossa Arquidiocese. Como fruto de pesquisas realizadas nas paróquias e com os membros do CAAE (Conselho Arquidiocesano da Ação Evangelizadora), de estudos de nossos planos de pastoral (desde 1973) e de reflexões sobre alguns Documentos do Magistério da Igreja que tratam sobre a formação dos leigos (*Lumen Gentium*, *Apostolicam Actuositatem*, *Christifideles laici*, textos do CELAM e da CNBB – especialmente o Doc. 105), elaboramos um projeto que abrange três níveis de formação: a) nível básico; b) formação de lideranças e animação da vida da Igreja; e c) formação de formadores.

Em relação ao conteúdo do **nível básico**, o objetivo é oferecer os fundamentos da fé, a fim de que o cristão esteja seguro da fé que professa e testemunha, mas sem se delongar nem desanimar no processo de formação pelo excesso de conteúdo; ao mesmo tempo, não se deve subestimar a capacidade de reflexão teológica-vivencial dos formandos. Esse nível de formação já está acontecendo em nossa Arquidiocese desde fevereiro de 2026, em 08 paróquias (como experiências-piloto). A partir de 2027, ele será ofertado, de acordo com a disponibilidade dos formadores, para as paróquias que solicitarem a referida formação.

**O nível de formação de lideranças e animação da vida da Igreja** consiste na formação sistemática e/ou esporádica de capacitação específica, como também de catequese permanente oferecida aos membros, agentes e lideranças das diversas pastorais, movimentos, organismos e serviços. Compreende ainda as formações oferecidas de modo sistemático ou esporádico para todos os cristãos ou lideranças pelas paróquias (por exemplo: Mês da Bíblia, Campanha da Fraternidade, estudo de Documentos da Igreja, entre outros).

**A formação de formadores** – terceiro nível – tem como objetivo capacitar pessoas que atuarão na formação de outros cristãos leigos. A formação de formadores é de competência direta da Comissão de Formação que deverá formar, acompanhar e oferecer formadores para os três níveis da formação. No segundo semestre de 2025, foi realizada a formação da 1ª turma, com um total de 62 formadores; no mês de julho de 2026, iniciou-se a 2ª turma. A proposta é que, em todos os anos, aconteça essa formação com novas turmas de formadores, visando, assim, chegar a um maior número de pessoas capacitadas para a formação em nossa Arquidiocese.

A proposta da Comissão de Formação é que esse projeto, organizado nos três níveis, seja sistemático, gradual e permanente. Por ser um projeto permanente, isso significa, por exemplo, que o nível básico pode acontecer todos os anos na mesma paróquia, contemplando pessoas e/ou grupos distintos. E assim também para os demais níveis.

A partir desse contexto e do processo que já vem sendo realizado em nossa Arquidiocese, destacamos que os 03 projetos que apresentamos a seguir estão compreendidos no **segundo nível** desse grande projeto da Comissão de Formação. *Os dois primeiros projetos, embora com estruturas bastante semelhantes, são diferentes na sua essência, pois o primeiro trata sobre as escolas de formação já existentes na Arquidiocese e o segundo trata sobre a sistematização das pastorais, movimentos, organismos e serviços.*

## **Projeto 1: Articulação e fortalecimento das escolas organizadas em nível arquidiocesano**

### **1. OBJETIVO GERAL**

Articular e fortalecer as escolas de formação existentes na Arquidiocese de Maringá, promovendo unidade, comunhão e identidade formativa, e respeitando os diferentes níveis, metodologias e especificidades de cada escola.

## **2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS**

- Identificar as escolas existentes na Arquidiocese de Maringá;
- Integrar as diversas escolas em uma rede permanente de formação;
- Elaborar um itinerário formativo arquidiocesano;
- Favorecer o intercâmbio de experiências;
- Criar critérios para planejamento e acompanhamento das formações;
- Promover formação continuada para coordenadores e formadores;
- Incentivar a produção compartilhada de materiais didáticos;
- Estabelecer processos de certificação e reconhecimento dos itinerários formativos.

## **3. JUSTIFICATIVA**

A formação dos cristãos leigos e leigas é uma prioridade para a missão evangelizadora da Igreja. Em nossa Arquidiocese de Maringá, temos diversas iniciativas já organizadas por diferentes grupos, tais como: Escola de Teologia; Escola de Evangelização Santo André; Escola Cáritas do Bem Viver; Formação Básica (RCC); Escola Vivencial do Cursilho e demais escolas diocesanas.

Essas escolas constituem espaços privilegiados para o aprofundamento da fé, da espiritualidade, da vida comunitária e do compromisso missionário. No entanto, muitas vezes, elas desenvolvem seus trabalhos de forma isolada, com metodologias, conteúdos e estruturas distintas.

Diante dessa realidade, propõe-se a criação de um projeto de articulação das escolas já organizadas em nível arquidiocesano, promovendo a comunhão entre elas, respeitando suas identidades, carismas, níveis de formação e especificidades, mas integrando-as em um processo formativo comum que fortaleça a ação evangelizadora da Arquidiocese.

Vale destacar que a comunhão é uma dimensão constitutiva da Igreja. Nesse sentido, uma formação integrada favorece: a) maior unidade pastoral entre as paróquias; b) otimização dos recursos humanos e pedagógicos; c) qualificação dos processos formativos; d) fortalecimento da identidade diocesana; e)

continuidade da formação dos agentes; f) construção de itinerários sistemáticos e gradativos de aprendizagem. Assim, este projeto busca responder às orientações da Igreja para uma formação permanente, missionária, sinodal e integral dos discípulos missionários (cf. CNBB, doc. 105, nn. 225-240).

A articulação dessas escolas de formação representa, pois, um passo significativo para consolidar uma cultura de comunhão, corresponsabilidade e formação permanente. Ao respeitar as especificidades de cada escola e, ao mesmo tempo, promover um projeto comum, a Arquidiocese fortalece sua identidade pastoral, otimiza recursos e oferece aos cristãos leigos um itinerário formativo integrado, capaz de preparar discípulos missionários comprometidos com a evangelização e com os desafios do mundo contemporâneo. Esse projeto expressa, de modo concreto, o espírito da sinodalidade, favorecendo a participação, a escuta e a cooperação entre todas as instâncias da vida eclesial.

#### 4. METODOLOGIA

O projeto será fundamentado em alguns princípios que deverão conduzir todo o processo de articulação e organização das atividades, tais como: comunhão e sinodalidade; formação integral da pessoa; espiritualidade missionária; e descentralização em, ao menos, 03 núcleos de formação (por exemplo: Maringá, Nova Esperança e Jandaia do Sul). A proposta do projeto é, assim, categorizar os níveis de formação e o público-alvo de cada escola, considerando o caráter gradual e sistemático da formação e garantindo formação permanente aos cristãos leigos. Para isso, será estruturado em consonância com os seguintes eixos: a) **organização institucional** – contato com as escolas existentes, levantamento das necessidades formativas e definição de normas comuns; b) **projeto pedagógico comum** – construção coletiva de um projeto pedagógico de acordo com as necessidades diocesanas de formação; e c) **itinerário formativo** – criação e/ou organização dos conteúdos que respeitem os níveis do projeto da Comissão de Formação e a implementação das formações nas diversas escolas existentes na Arquidiocese. Também se deverá favorecer ou criar meios que garantam a sustentabilidade econômica de cada escola.

Com a articulação deste projeto, espera-se que haja: o fortalecimento da identidade das escolas existentes na Arquidiocese de Maringá; maior integração entre elas; maior qualidade na formação dos cristãos leigos; um itinerário formativo organizado e contínuo; uma equipe permanente de formadores; materiais pedagógicos comuns; a ampliação da participação das leigas e dos leigos; o fortalecimento da pastoral de conjunto da Arquidiocese; além da formação de discípulos missionários preparados para

## 5. CRONOGRAMA

| Atividade/ano             | 2027 | 2028 | 2029 | 2030 | 2031 | 2032 |
|---------------------------|------|------|------|------|------|------|
| Organização Institucional | X    | X    |      |      |      |      |
| Projeto Pedagógico Comum  |      | X    | X    |      |      |      |
| Itinerário Formativo      |      |      | X    | X    | X    | X    |

## 6. RESPONSÁVEIS

Coordenação da Ação Evangelizadora, Comissão de Formação e os responsáveis pelas respectivas escolas.

## 7. COMO

Constituição de uma secretaria pedagógica, vinculada à Comissão de Formação, com a contratação de um agente liberado para a organização, sistematização e execução deste projeto junto às escolas existentes na Arquidiocese de Maringá.

## **Projeto 2: Estruturação e sistematização das formações oferecidas ordinariamente pelas Pastorais, Movimentos, Organismos e Serviços**

### 1. OBJETIVO GERAL

Promover articulação e organização arquidiocesana das formações ordinárias ofertadas aos cristãos leigos pelas pastorais, movimentos, organismos e serviços.

## **2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS**

- Articular, junto às Comissões da Ação Evangelizadora, pastorais, movimentos, organismos e serviços, uma sistematização das formações oferecidas aos seus agentes e lideranças leigas;
- Estimular a realização de ofertas formativas sempre o mais descentralizadas possível: nos três grandes núcleos territoriais – Maringá, Nova Esperança e Jandaia do Sul; nas Regiões Pastorais; e nas paróquias;
- Estruturar um calendário arquidiocesano de formação que considere os níveis de formação, o público destinatário e a sistematização temática, a fim de evitar sobreposição de calendários, repetições de temas para o mesmo público e cansaço das lideranças;
- Contribuir com as pastorais, movimentos, organismos e serviços para a construção de um plano de formação, que considere temas relevantes para a identidade eclesial arquidiocesana, a sistematização, a processualidade e a escolha de metodologias adequadas aos diferentes níveis formativos (formação inicial de seus agentes; formação de lideranças; formação de aprofundamento, aprimoramento e atualização); Constituir uma secretaria pedagógica, vinculada à Comissão de Formação, com a contratação de um agente liberado para a execução das articulações previstas neste projeto e nas demais ações formativas promovidas pela Comissão de Formação, viabilizando o atendimento às paróquias, comissões, pastorais, movimentos, organismos e serviços no campo da formação do laicato.

## **3. JUSTIFICATIVA**

A formação dos agentes de pastoral e lideranças paroquiais é um processo contínuo em nossa igreja particular. As diferentes pastorais, movimentos, organismos e serviços oferecem ações e processos de formação nos diferentes níveis: paroquial, região pastoral e arquidiocesano. Esse fluxo contínuo, por vezes, acaba por sobrepor agendas, repetir temas, sobrecarregar as lideranças,

gerando esvaziamento em algumas ações formativas. A ausência de uma clara sistematização também pode gerar a impressão da falta de continuidade temática e contribuir para a ausência de engajamento das lideranças. Esses elementos cooperam para uma percepção comum da ausência de formação dos cristãos leigos.

#### **4. RESPONSÁVEIS**

A Comissão de Formação, em unidade com as demais comissões, pastorais, movimentos, organismos e serviços presentes na Arquidiocese de Maringá.

#### **5. DESTINATÁRIOS**

O projeto visa oferecer uma formação mais sistemática e consistente a todos os agentes de pastoral e lideranças paroquiais, de modo a organizar as formações oferecidas pelas comissões, pastorais, movimentos, organismos e serviços presentes em nossa Arquidiocese.

#### **6. RECURSOS**

- *Recursos humanos:*
- Coordenação da Comissão de Formação e demais membros;
- Contratação de um agente para a função de secretaria permanente.
- *Recursos materiais:*
- Recurso financeiro para a contratação de um agente;
- Disponibilidade de espaço físico equipado para a instalação da secretaria da Comissão de Formação.

#### **7. CRONOGRAMA**

- **2027**
- Constituição da secretaria da Comissão de Formação;
- Articulação junto às comissões, pastorais, movimentos, organismos e serviços para a sistematização de um calendário formativo arquidiocesano.
- **2028 - 2032**
- Oferta de um calendário formativo que dê fluxo às agendas, ao

- público e aos temas, mitigando possíveis sobreposições;
- Oferta de formações e assessorias às pastorais, movimentos, organismos e serviços para a construção de seus planos de formação.

## **8. COMO**

O projeto se desenvolverá por meio de: realização de reuniões com os representantes das comissões, pastorais, movimentos, organismos e serviços para a conscientização sobre a proposta; viabilização do calendário comum e planejamento formativo; e construção de seus respectivos planos de formação.

## **Projeto 3: Formação de lideranças e animação da vida da Igreja: caminhos para um Igreja sinodal**

### **1. OBJETIVO GERAL**

Promover uma formação integral e integrada de nossas lideranças, a fim de animar a vida comunitária da Igreja em nossas comunidades por meio de um processo contínuo de catequese permanente, fundamentado na espiritualidade cristã, na sinodalidade, na participação comunitária e no compromisso missionário, tendo como referência os documentos oficiais da CNBB ou por ela propostos.

### **2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS**

- Fortalecer a identidade e a missão das lideranças pastorais;
- Desenvolver processos de formação humana, espiritual, bíblica e pastoral;
- Compreender e vivenciar a sinodalidade como estilo permanente da Igreja;
- Incentivar o cuidado com a Casa Comum, inspirados na Ecologia Integral;
- Revitalizar as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) enquanto espaços de evangelização e participação;
- Estudar e aplicar as orientações dos Documentos da CNBB,

- do CELAM e do Magistério da Igreja na ação pastoral;
- Favorecer a cultura do diálogo, da escuta e da corresponsabilidade na missão da Igreja;
- Desenvolver habilidades humanas de acolhimento, escuta e comunicação;
- Promover a cultura do diálogo, da participação e da corresponsabilidade;
- Fortalecer o protagonismo de leigos e leigas na missão evangelizadora;
- Capacitar lideranças para atuar de forma integrada e colaborativa.

### **3. JUSTIFICATIVA**

A Igreja é chamada a renovar continuamente sua missão evangelizadora, para formar lideranças comprometidas com o Evangelho, capazes de promover a comunhão, a participação e a missão. Diante dos desafios atuais, torna-se necessária uma formação que seja integral e que contemple as dimensões espiritual, humana, pastoral e social da vida da Igreja.

Inspirado nas Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil (Doc. 114 da CNBB), este projeto pretende formar as lideranças leigas para atuarem de forma sinodal, promovendo o protagonismo de leigas e leigos, valorizando as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), o cuidado com a Casa Comum e o compromisso com a transformação da sociedade à luz do Evangelho.

### **4. PÚBLICO-ALVO**

Coordenadores e vice-coordenadores de pastorais, movimentos, organismos e serviços; coordenadores e vice-coordenadores das Comunidades Eclesiais de Base, dos conselhos presentes na comunidade paroquial e demais agentes de evangelização da sociedade à luz do Evangelho.

### **5. METODOLOGIA**

- O projeto será desenvolvido mediante:

- Encontros paroquiais de formação;
- Oficinas temáticas;
- Círculos bíblicos;
- Rodas de conversa;
- Leitura orante;
- Estudos de documentos da Igreja;
- Celebrações e retiros;
- Visitas missionárias;
- Atividades práticas nas comunidades.

A metodologia será participativa, utilizando o método Ver – Julgar – Agir – Celebrar – Avaliar e a Conversação no Espírito.

## 6. EIXOS FORMATIVOS

Visando a uma transversalidade dos temas tratados, estes serão trabalhados sempre a partir de seis dimensões formativas, garantindo, assim, uma unidade em todo o processo formativo:

- **Dimensão Cristológica** – vida e ministério de Jesus Cristo, sua missão no mundo, atitude com os excluídos e marginalizados;
- **Dimensão Humana** – formação humana e liderança servidora;
- **Dimensão Espiritual e Sinodal** – espiritualidade, discernimento, participação e comunhão;
- **Dimensão Eclesial** – CEBs, Igreja como comunidade, laicato como sujeito eclesial na Igreja e na sociedade, vocação cristã, piedade popular, gestão e administração de conflitos nas comunidades eclesiais;
- **Dimensão Missionária** – evangelização, ministérios e ação missionária na Igreja;
- **Dimensão Socioambiental** – ecologia integral, cuidado com a Casa Comum e a transformação social.

## 7. RESPONSÁVEIS

Articulação realizada pela Comissão de Formação e pela Ação Evangelizadora, reunindo as demais Comissões e formadores da Arquidiocese, em sintonia com a coordenação do CPP de cada paróquia.

## **8. COMO**

A Comissão de Formação oferecerá um itinerário formativo que contemple todos os temas compreendidos nos respectivos eixos. A partir desse itinerário, a Diretoria do CPP de cada paróquia, em diálogo com a Comissão de Formação, determina as datas e horários das formações. Essas atividades podem ser realizadas nas paróquias, em nível de região pastoral ou por macrorregiões. Também podem ser oferecidas mais de uma vez na mesma paróquia, de acordo com a necessidade paroquial e a renovação das lideranças.

## **Cronograma**

- Vigência do Plano: Acompanhando as DGAE 06 anos (iniciando em julho 2026 até 2032);
- Plenárias de acompanhamento a cada 2 anos (em início de 2028/ início 2030);
- Reuniões de Região Pastoral: ao menos uma por semestre, com a presença da AE, que ao menos uma dessas seja de monitoramento dos Planos paroquiais.

## **Orientações**

É necessário que este Plano da Ação Evangelizadora seja assumido por todos. Paróquias devem incluir as Prioridades em seus Planos Paroquiais. Pastorais, Movimentos, Organismos e Serviços também precisam aplicá-lo de acordo com seus carismas e a serviço da paróquia. Como diz o Documento Final do Sínodo (n. 93, c): “uma vez que a autoridade competente tenha formulado a decisão, tendo respeitado o processo de escuta e expressado claramente as razões que o motivaram, todos, em virtude do vínculo de comunhão que une os batizados, são obrigados a respeitá-la e a pô-la em prática, mesmo quando não corresponda ao seu próprio ponto de vista, sem prejuízo do dever de participar honestamente também da fase de avaliação”.

O Objetivo Geral também tem grande importância, pois manifesta o foco de nossa ação, a prioridade da evangelização, o desejo do coração de Deus. Por isso é necessário que o Objetivo Geral seja divulgado e conhecido por todos os católicos. Incentiva-se que seja exposto em lugares visíveis (murais, salas, salões, projetado nas telas etc), que os músicos o transformem em refrão orante, se possível, para ser fixado nas mentes e corações.

## **Planos Paroquiais**

“A conversão pastoral de nossas comunidades exige que se vá além de uma pastoral de mera conservação para uma pastoral decididamente missionária (...) com novo ardor missionário,

fazendo com que a Igreja se manifeste como mãe que vai ao encontro, uma casa acolhedora, uma escola permanente de comunhão missionária” (D. Ap., n. 370).

“Esta firme decisão missionária deve impregnar todas as estruturas eclesiais e todos os planos pastorais de dioceses, paróquias, comunidades religiosas, movimentos e de qualquer instituição da Igreja. Nenhuma comunidade deve isentar-se de entrar decididamente, com todas as forças, nos processos constantes de renovação missionária e de abandonar as ultrapassadas estruturas que já não favoreçam a transmissão da fé” (D. Ap., n. 365).

O Documento de Aparecida dá como pressuposto a importância do Plano de Pastoral Paroquial, bem como outros de outras instâncias. Desde o início do processo de Assembleia rumo ao 25º Plano da Ação Evangelizadora da Arquidiocese de Maringá (25º PAE) temos insistido na necessidade de que as paróquias também tenham seus planos próprios. Isso possibilita pensar uma organização paroquial mais aprimorada, maior participação dos membros, possibilidade de avanços no processo de Reflexão + Execução + Avaliação.

O Papa Francisco, na *Evangelii Gaudium* (n. 222) dizia que há “um primeiro princípio para progredir na construção de um povo: o tempo é superior ao espaço”. Francisco prossegue dizendo que “este princípio permite trabalhar a longo prazo, sem a obsessão pelos resultados imediatos” (n. 223).

O Documento Final do Sínodo (n. 102) procura garantir “o envolvimento efetivo do Povo de Deus (...) na planificação pastoral e econômica”, através de envolvimento efetivo do Povo de Deus, prestação de contas sobre o desempenho da missão, avaliação periódica do desempenho de todos os ministérios e cargos dentro da Igreja.

Com base nesses textos magisteriais o Plano da Ação Evangelizadora da Arquidiocese de Maringá reforça a importância da participação dos diversos membros do Povo de Deus nas Assembleias paroquiais, para efetivação do Plano paroquial.

Com a aprovação do 25º PAE a implementação dele acontece especialmente nas paróquias. Mas, possivelmente, as paróquias tem necessidades além do que foi estabelecido no 25º PAE. Por isso é importante a elaboração do Plano Paroquial.

Para elaborar o Plano Paroquial é necessário que cada paróquia realize uma nova assembleia, para discernir se é necessário eleger mais prioridades e elaborar projetos próprios. Essa prática evita a pastoral de manutenção, dinamiza a participação dos diversos atores, leigos, jovens, pobres etc.

É necessário garantir a participação dos membros do CPP e lideranças. Não se quer inventar a roda, mas ouvir o apelo da realidade, respeitando os tempos e limites da paróquia. Sugerimos que em seus Planos cada comunidade identifique se necessita criar projetos ligados às Prioridades Arquidiocesanas já eleitas (IVC, Juventude, Formação). Depois identifique se há outra(s) urgências que deve(m) ser prioridade(s) paroquiais. E a partir disso construir os projetos que façam a diferença na evangelização em seu território.

Cada projeto é composto por:

| <b>Projeto Pastoral</b>                                                 |
|-------------------------------------------------------------------------|
| Projeto Pastoral: Identificar a atividade pastoral a realizar           |
| Objetivo: Definir os objetivos da ação                                  |
| Justificativa: Porque a ação é importante e está sendo realizada        |
| Estratégias: Como? Definir o método e os passos para desenvolver a ação |
| Responsável: Definir as pessoas que vão assumir a ação                  |
| Prazo: Quando? (elaborar um cronograma para a atividade)                |
| Local: Onde será realizada a ação                                       |
| Recursos: Com que recursos (prever verba, material, subsídio etc.)      |

Para realizar essa etapa do processo a paróquia deve seguir o Plano Arquidiocesano e as Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora, pode contar com acompanhamento e subsídio da Ação Evangelizadora Arquidiocesana para elaboração do Plano.

O Prazo para elaboração dos Planos Paroquiais é de agosto de 2026 a janeiro de 2027. Os Planos Paroquiais serão publicados na Solenidade dos 70 anos da Arquidiocese no dia 31 de janeiro de 2027, na Catedral Metropolitana Nossa Senhora da Glória.

## **Anexos**

### **Caminhos da Missão**

“Alimentada pela Palavra e pelos Sacramentos, geradora de novos filhos na fé, reunida em comunidades vivas, celebrante dos mistérios da salvação e comprometida com a vida plena para todos, a Igreja se expressa como abrigo fecundo e sempre aberto. Os caminhos da missão são modos concretos de armar a tenda no hoje da história, não apenas ações, para que nela todos encontrem lugar, sentido e envio na missão” (DGAE, n. 100).

As Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil, aprovadas pela Assembleia dos Bispos em 2026, elenca cinco Caminhos da Missão. São eles:

- 1) Animação Bíblica da Pastoral;
- 2) Iniciação à Vida Cristã;
- 3) Comunidade de discípulos missionários;
- 4) Liturgia e Piedade Popular;
- 5) Serviço à vida plena para todos.

As paróquias e Regiões Pastorais da arquidiocese de Maringá realizaram suas Assembleias respondendo às perguntas do Instrumento de Trabalho (relativas aos desafios da evangelização, a como podemos alargar a tenda da Igreja, e a como promover a Igreja Povo de Deus em sinodalidade, comunhão, participação e missão), enviaram suas respostas para a Equipe de Coordenação da Assembleia, que as identificou com os Caminhos da Missão. Por fim a Equipe fez uma síntese com indicações pastorais para cada um dos Caminhos. A Terceira Plenária também destacou pistas de ação. Abaixo compilamos todas que servirão para as próximas Assembleias Paroquiais e de Região Pastoral.

#### **1 - ANIMAÇÃO BÍBLICA DA VIDA E DA PASTORAL**

“A Igreja, chamada a viver da Palavra, é convidada a formar discípulos que a escutem com o coração e servidores que a anunciem com a vida. Ser discípulo da Palavra é deixar-se

transformar por ela na oração, na celebração e no cotidiano” (DGAE, n. 104).

Indicações Pastorais:

- Oferecer formação contínua dos agentes de pastorais, abrangendo as dimensões humana, espiritual, litúrgica e missionária, incluindo aprofundamento na Palavra, no Catecismo da Igreja, nos Documentos da CNBB;
- Oferecer formação Bíblica por paróquia, no modelo de Escolas Bíblicas;
- Promover a espiritualidade bíblica por meio de retiros, leitura orante da Palavra de Deus, incentivo à oração, adoração e confissão;
- Garantir formações com metodologias e linguagem específicas às diferentes faixas etárias;
- Oferecer uma formação bíblica que combata a fé superficial e promova a maturidade cristã das lideranças, para que não sejam “tarefeiros”, mas discípulos missionários;
- Fortalecer a fidelidade à Palavra de Deus, como meio renovar a ação cristã, que não pode ser “apenas de palavra”, mas deve se traduzir em testemunho real, com o coração aberto e, recolocando Cristo no centro da missão;
- Incentivar a escuta da Palavra como base de todas as decisões, de modo que as lideranças rezam juntas antes de decidir;
- Promover momentos de Leitura da Palavra e Oração em família;
- Incentivar pequenos grupos de reflexão bíblica nas casas;
- Realizar homilias direcionadas às diversas faixas etárias;
- Valorizar a Celebração da Palavra.

## **2 - INICIAÇÃO À VIDA CRISTÃ**

“A formação dos discípulos missionários nasce e se enraíza na Iniciação à Vida Cristã (IVC) de inspiração catecumenal, quando cada pessoa é introduzida na relação com o Senhor e na comunhão da Igreja por meio de pais, padrinhos, catequistas, educadores, agentes da liturgia, ministros ordenados e comunidades. Mais que uma pastoral entre outras, a Iniciação à Vida Cristã é o eixo unificador de toda ação evangelizadora, pois visa formar, de modo

inicial e permanente, discípulos missionários capazes de viver e transmitir a fé cristã no coração de uma civilização em constante mudança” (DGAE, n. 106).

Indicações pastorais:

- Transformar a Paróquia em uma paróquia iniciática, superando a visão puramente sacramentalista por uma evangelização contínua, onde as secretarias paroquiais, lideranças e o clero falem a mesma língua: a do anúncio querigmático.
- Garantir que o CPP assuma a responsabilidade pela Iniciação à Vida Cristã e ofereça apoio aos catequistas;
- Fomentar a atuação de uma Pastoral de Conjunto, de caráter iniciático, indo ao encontro daqueles que estão afastados da Igreja;
- Inserir as pastorais e movimentos no formato e metodologia iniciática, onde a IVC seja modelo de evangelização;
- Promover uma “reiniciação” à Vida Cristã para todas as lideranças da paróquia;
- Trabalhar o Querigma constantemente, para que o “primeiro anúncio” seja a base de qualquer formação;
- Fortalecer o Projeto Arquidiocesano de Iniciação à Vida Cristã para as crianças, adolescentes e Adultos, acolhendo e inserindo as crianças e as famílias nas comunidades e serviços pastorais;
- Criar espaços adequados para os encontros catequéticos e formativos;
- Descentralizar a catequese para as pequenas comunidades (CEB’s).
- Elaborar materiais didáticos com metodologias e linguagem adequadas às diferentes idade e realidades, principalmente para as pessoas neurodivergentes e com deficiências, favorecendo a inclusão, acessibilidade e participação efetiva e acolhedora nos processos de evangelização e formação cristã;
- Garantir uma catequese mais participativa, com atividades lúdicas, linguagem adequada e inclusiva;
- Investir na capacitação sistemática e permanente dos catequistas e lideranças paroquiais, abordando temas atuais, como a evangelização de pessoas neurodivergentes;
- Garantir uma programação para os pais e responsáveis enquanto

aguardam seus filhos durante os encontros de catequese, sugestões: oração do terço, momento de espiritualidade, formações específicas, vivências em grupo, gincanas com temas vinculados aos encontros catequéticos etc.;

- Ampliar o envolvimento das famílias no processo catequético, e seu papel primordial na condução espiritual do lar;

- Promover uma evangelização consistente para os pais e familiares dos catequizandos, superando o processo de “terceirização” na transmissão da fé comum na realidade familiar;

- Acompanhar os adolescentes após as etapas da iniciação aos sacramentos, evitando o afastamento massivo após a recepção dos sacramentos, garantindo sua permanência e participação ativa na vida da Igreja, por meio de processos sistemáticos e contínuos de formação e integração comunitária;

- Articular para que os Acólitos, Coroinhas, Grupos de Adolescentes conheçam a vida paroquial, suas comunidades, pastorais e movimentos;

- Implantar a Pastoral do Adolescentes (Pós-crisma), oferecendo formação para seus agentes;

- Articular a Iniciação à Vida Cristã em unidade com o Setor Juventude, propiciando aos jovens o engajamento nos movimentos e pastorais, conforme sua faixa etária, garantindo a continuidade de sua caminhada cristã na vida comunitária;

- Criar estratégias para que as comunidades mantenham os adolescentes e jovens engajados na comunidade de fé;

- Reafirmar a opção pela IVC também para os adultos que procuram os sacramentos da iniciação;

- Fortalecer a figura do acompanhante, pois este exerce uma importante função na acolhida de novos convertidos e garante que ninguém caminhe sozinho;

- Integrar nas pastorais e movimentos os que recentemente receberam os sacramentos, garantindo que o conhecimento da doutrina se transforme em vida comunitária ativa e em testemunho cristão autêntico;

- Propiciar uma catequese permanente para os cristãos leigos;

- Oferecer encontros de preparação ao matrimônio e encontros de preparação de pais e padrinhos para o batismo, na perspectiva da

IVC, a fim de iniciar os adultos (noivos, pais e padrinhos) na fé e na vida comunitária;

- Garantir que a Catequese iniciática favoreça a todos vivenciar itinerários que gerem pertença e continuidade na vida comunitária.

### **3 - COMUNIDADES DE DISCÍPULOS MISSIONÁRIOS**

“Nas pequenas comunidades de discípulos missionários, a hospitalidade torna-se marca essencial: são Igrejas de portas abertas, tendas sempre prontas a acolher quem busca um encontro com Cristo e deseja caminhar no discipulado missionário. Nelas, a comunhão se concretiza na escuta da Sagrada Escritura, nas relações fraternas, na pertença a um núcleo comunitário, na partilha das responsabilidades e no respeito às diversas vocações e ministérios. Ali se constroem processos de discernimento, cresce a disponibilidade para o serviço e floresce a criatividade evangelizadora, alimentando uma permanente disposição para a saída missionária. Libertadas do fechamento autorreferencial e de concessões ideológicas, as comunidades eclesiais permanecem sempre prontas a sair de si, ir às periferias e encontrar os muitos rostos que precisam ser alcançados e iluminados pelo Evangelho” (DGAE, n. 113).

Indicações pastorais:

- Consolidar a comunidade eclesial e como verdadeira comunidade de Discípulos Missionários, centrada em Jesus Cristo, fortalecida na comunhão e comprometida com a missão evangelizadora;
- Ser uma Igreja em saída;
- Superar o comodismo;
- Assumir, de forma concreta, a vocação missionária;
- Ir ao encontro das famílias, dos afastados, dos doentes, das periferias geográficas e existenciais;
- Promover visitas missionárias, presença pastoral e acompanhamento constante, pois a missão é movimento essencial de conversão pastoral;
- Diminuir a rigidez excessiva dos padres e secretarias paroquiais com horários de atendimento, adaptando horários e propostas à realidade moderna;

- Diminuir a rotatividade de padres;
- Que padres, diáconos e lideranças assumam uma postura mais amorosa e menos julgadora, focada na pastoral de conjunto, estando presentes nas localidades mais humildes;
- Bispo esteja mais presente nas paróquias, sendo mais próximo, visitando mais regularmente;
- Ser Igreja Profética, ir além dos muros paroquiais, alcançando periferias geográficas e existenciais;
- Ser comunidade mais acolhedora, fraterna, sensível e misericordiosa, capaz de receber sem julgamentos, integrar os novos membros e gerar verdadeiro sentimento de pertença;
- Criar ou fortalecer a Pastoral da Acolhida;
- Criar a Pastoral da Escuta e do acolhimento;
- Haver mais visitas aos hospitais;
- Organizar visitas porta a porta em bairros afastados, novos ou vulneráveis e a pessoas afastadas;
- Implementar a Pastoral do Prédio para romper o isolamento/solidão em condomínios e grandes centros urbanos;
- Haver mais formação contínua;
- Promover aprofundamento catequético, espiritual e pastoral, fortalecendo a consciência de que todos são corresponsáveis pela missão;
- Preparar por meio da formação para evangelizar com maturidade, autenticidade e testemunho de vida;
- Haver mais formações específicas para coordenadores aprofundarem-se na execução de sua missão;
- Criar espaço especial para a juventude, com linguagem acessível, espaços atrativos, protagonismo juvenil, uso inteligente da música, cultura e redes sociais, reconhecendo que a evangelização dos jovens exige novas metodologias;
- Despertar vocações de especial consagração;
- Cuidar, de modo especial, dos adolescentes e jovens, considerando a crise de identidade, valores e sentido de vida vivenciada nos ambientes escolares e universitários;
- Criar, onde não há, a Infância e Adolescência Missionária (IAM);
- Proporcionar encontros e formações para casais jovens;

- Fortalecer as CEB's;
- Retomar grupos de reflexão, grupos bíblicos e de famílias, terços nas casas, encontros familiares;
- Realizar visitas domiciliares para fortalecer a vida comunitária desde a base;
- Haver um missionário por rua responsável por identificar e acolher novos moradores;
- Revigorar o Conselho Pastoral da Comunidade (CPC) para fortalecer as pequenas comunidades;
- Criar o Conselho Missionário da Região Pastoral;
- Fortalecer o Conselho Missionário Paroquial (COMIPA);
- Ampliar a participação dos leigos nas decisões;
- Garantir que o Conselho de Pastoral Paroquial (CPP) seja um espaço de discernimento e unidade pastoral, não apenas de avisos;
- Exigir, com atitude sinodal, transparência e escuta ativa;
- Fortalecer a integração entre pastorais, movimentos e paróquias;
- Superar ações isoladas, fortalecendo a comunhão, o planejamento conjunto e a corresponsabilidade missionária;
- Valorizar os dons de cada pessoa;
- Criar um documento institucional que descreva claramente todas as pastorais e movimentos;
- Ouvir os leigos, haver maior participação e representatividade deles nas diversas instâncias, participando das decisões;
- Melhorar a transparência nas ações, na gestão financeira e administrativa;
- Prevenir o uso excessivo de telas;
- Alertar quanto aos desafios da internet, redes sociais, polarização e desinformação como barreiras para a evangelização;
- Ir além da paróquia, alcançando faculdades, empresas, áreas rurais, presídios, escolas, estabelecimentos de saúde etc.;
- Fortalecer a PASCOP, a comunicação e evangelização digital, como instrumentos missionários capazes de ampliar a presença da Igreja e alcançar especialmente os jovens e os que estão distantes;
- Propiciar que a Região Pastoral deixe de ser apenas uma divisão administrativa para se tornar um espaço real de convivência e ajuda mútua entre paróquias fortes e frágeis;

- Haver momentos de oração, reunião e integração da Região Pastoral (como missas, festas em comum e intercâmbio de experiências, formação e participação de mais representantes);
- Transformar a Região Pastoral em estrutura de ajuda mútua resgatando o Conselho Pastoral da Região, criando calendário regional conjunto, planejamento orçamentário anual integrado e a unificação da comunicação para superar a competição e o isolamento entre comunidades vizinhas;
- Promover maior integração entre paróquia, região pastoral e arquidiocese;
- Reorganizar geograficamente algumas Regiões Pastorais;
- Descentralizar as formações e reuniões arquidiocesanas da cidade de Maringá, facilitando para paróquias mais distantes;
- Dar testemunho concreto de fé, de compromisso pessoal e comunitário, de caridade, solidariedade e de cuidado com os mais fragilizados;
- Dinamizar uma evangelização não é apenas de discurso, mas de presença, serviço, escuta, amor concreto e de espiritualidade viva que gere conversão;
- Oferecer formações sobre as pastorais e movimentos, organização da igreja, documentos, formações teológicas, online e presenciais, níveis da região pastoral ou paroquial;
- Oferecer formações sobre a missa;
- Investir em uma formação contínua, estruturada e planejada para os leigos, com formadores preparados e conteúdos adequados às necessidades pastorais;
- Renovar as lideranças, promovendo a capacitação para os diversos serviços e cargos na comunidade;
- Valorizar a participação dos leigos no planejamento das formações, incluindo a escolha dos temas, horários, formadores e público-alvo;
- Descentralização as formações, facilitando o acesso e ampliando a participação das comunidades;
- Aderir ao projeto de formação da Comissão Pastoral de Formação Teológica dos cristãos leigos e leigas;
- Realizar retiros de espiritualidade nas paróquias;

- Criar um canal específico de divulgação das formações oferecidas pela arquidiocese;
- Potencializar os projetos que já existem na diocese para que se estenda para as demais paróquias: formação básica dos cristãos, formação para aprender a trabalhar com famílias com filhos portadores de necessidades especiais, etc;
- Promover uma formação contínua para os leigos nos pequenos grupos e comunidades, respeitando seus carismas e realidades;
- Ampliar o acesso à formação teológica em todas as paróquias, inclusive por meios digitais quando possível;
- Fortalecer a Escola de Teologia para Leigos;
- Oferecer formação contínua na área de Doutrina Social da Igreja, com temas como ecologia e dignidade humana;
- Oferecer formação dos leigos com aprofundamento na Palavra de Deus, Catecismo da Igreja Católica, Concílio Vaticano II;
- Oferecer formação contínua de leigos nas áreas de teologia e liturgia, especialmente para ministros, leitores, acólitos, coroinhas, músicos, catequistas e outros agentes pastorais;
- Propiciar itinerário iniciático para vários/novos sujeitos eclesiais;
- Convidar os jovens para serviços com missões específicas, a partir de chamariz pontual (espaços em que os jovens possam atuar: lazer, redes sociais, tecnologia, retiros);
- Criar ações pastorais para jovens de 20 a 35 anos, onde todos possam se sentir acolhidos, em busca dos jovens afastados (ex.: campeonatos entre paróquias, campeonato bíblico);
- Promover espaços de escuta e ação concretas para os jovens;
- Fortalecer o Setor Juventude;
- Criar Canal para a escuta da juventude;
- Formar grupos de jovens nas comunidades com maior apoio do padre;
- Trabalhar a Pastoral da Educação e Pastoral Universitária;
- Trabalhar o protagonismo juvenil;
- Ir até os espaços juvenis, sobretudo o universitário;
- Inserir os jovens nas pastorais antes do término da Catequese/IVC, articulando sua participação com o processo catequético;
- Desenvolver ações evangelizadoras nas universidades e nas mídias

- sociais, utilizando uma linguagem próxima da realidade juvenil;
- Promover espaços de escuta e protagonismo, fortalecendo o sentimento de pertença à comunidade por meio da criação do Setor Juventude em todas as paróquias e de iniciativas que apresentem a vida pública de Jesus de forma atrativa e acessível;
  - Propiciar espaço para os jovens terem função na liturgia, nos diversos serviços e acompanhá-los;
  - Implantar a Pastoral da Juventude e Pastoral de Adolescentes (antigo Pós Crisma), garantindo a continuidade no processo de evangelização;
  - Atrair e manter os adolescentes na igreja e no grupo de jovens, utilizando para isso formas de acolhidas diferenciadas e a liturgia como métodos principais;
  - Escutar os jovens: coordenadores dos grupos, padres, diáconos exercitem essa escuta ativa;
  - Melhorar a Pastoral Universitária, visando sempre manter contato com esses jovens (para que eles não se percam);
  - Acolher, apoiar, identificar o perfil dos jovens, realizar convites e acompanhar os jovens para despertar seus talentos e habilidades;
  - Liberar um padre da arquidiocese para Capelania Universitária. Com missas diferentes para jovens, nas comunidades e universidades;
  - Favorecer o engajamento dos jovens nas pastorais;
  - Investir financeiramente e apoiar os jovens, não ignorando suas ideias e projetos, mas buscando melhor articulação desses projetos, mas não somente os que se encontram presentes na comunidade, como também os que estão afastados;
  - Reorganizar os CPC's;
  - Implantar ou fortalecer equipes missionárias permanentes;
  - Organizar visitas periódicas às famílias;
  - Incentivar grupos de reflexão bíblica e partilha da fé nas casas;
  - Fortalecer as Comunidades Eclesiais de Base e demais formas de organização comunitária;
  - Desenvolver estratégias de acolhimento para novos moradores e famílias recém-chegadas;
  - Promover a integração entre comunidades, pastorais e movimentos;
  - Ampliar a presença evangelizadora da Igreja no território;

- Haver maior integração entre as comunidades;
- Melhor o sentimento de pertença e corresponsabilidade;
- Aproximar-se das famílias afastadas da vida eclesial;
- Fortalecer as CEBs por meio da retomada dos grupos de reflexão como principal ação evangelizadora;
- Ampliar a presença da Igreja junto às famílias, especialmente nos condomínios e prédios;
- Incentivar visitas missionárias, celebrações nas casas e a reorganização das lideranças a partir das comunidades eclesiais de base;
- Reestruturar as CEBs conforme as necessidades da paróquia;
- Fortalecer a integração dos trabalhos pastorais (família, idoso, vulneráveis, etc);
- Intensificar a ação missionária, especialmente junto às pessoas em situação de vulnerabilidade;
- Envolver pessoas comprometidas e preparadas para o trabalho missionário e de acolhida, com funções claramente definidas;
- Realizar um mapeamento das realidades encontradas durante as visitas missionárias, permitindo identificar necessidades específicas e encaminhar cada pessoa ou família para os serviços pastorais mais adequados;
- Implantar o COMIPA em todas as paróquias;
- Articular a missão de forma a identificar as realidades e ser uma Igreja em saída;
- Promover uma conversão missionária paroquial, através de um dia de formação com todo o CPP;
- Estimular uma Igreja em saída com visitas, acolhida e acompanhamento;
- Criar espaço especial para a juventude, linguagem acessível, espaços atrativos, protagonismo juvenil, uso inteligente da música, cultura e redes sociais, com novas metodologias, inclusive despertando vocações de especial consagração;
- Cuidar dos adolescentes e jovens, considerando a crise de identidade, valores e sentido de vida vivenciada nos ambientes escolares e universitários;
- Fortalecer as CEBs, retomar grupos de reflexão, grupos bíblicos e de famílias, terços nas casas, encontros familiares e visitas

domiciliares para fortalecer a vida comunitária desde a base. Nas CEBs, sugere-se que cada rua tenha uma pessoa responsável por identificar e acolher novos moradores;

- Realizar formações sobre acolhida para as coordenações e agentes de pastorais, movimentos e serviços sobre a “importância de acolher” e “como bem acolher” quem está chegando pela primeira vez na igreja e quem já está inserido;

- Criar metodologia de acolhida desde a infância, adolescente, juventude, adulto, idoso, para as famílias;

- Haver missionários de quadra e de prédio;

- Unificar ações entre a Pastoral da Acolhida e Pastoral da Escuta, acionando psicólogos, sempre que necessário;

- Capacitar Pastoral da Acolhida;

- Acolher famílias de segunda união, pessoas LGBT's e demais grupos e pessoas que se sentem excluídas;

- Haver mais abertura aos sacramentos nas paróquias;

- Acolher quem chega na comunidade (novos moradores, mirantes, famílias afastadas e veneráveis) e diz que já estão na igreja;

- Acolher além da porta Igreja (contemplando a visitação, acompanhamento das famílias);

- Sair em direção às pessoas afastadas, individualmente, e escut las, sobretudo as que se encontram nas periferias existenciais (pessoas portadoras de deficiências; autistas; pessoas enlutadas; casais em casos especiais; mães solteiras; pessoas viúvas); uma pastoral da visita o;

- Promover Comunidades Eclesiais de Base, Pastoral do Prédio e outras comunidades geográficas, visando identidade e pertenc a;

- Reorganizar geograficamente as Regiões Pastorais;

- Realizar um movimento missionário por meio do Querigma;

- Preocupar-se com as famílias: as mudanças devem acontecer na forma inversa, vindo dos pais para os filhos;

- Fazer ponte entre a Pastoral Familiar e as pastorais específicas, para atender os casais em situação especial, idosos etc;

- Retomar a oração em família, propor preparação nas formações para o Matrim nio, para o Batismo, nos encontros/retiros para casais;

- Promover encontros de espiritualidade para pais/responsáveis pela família (crianças, jovens e adultos);
- Acolher e integrar as famílias em todos os seus aspectos e configurações (divorciados, novas uniões, viúvos, homoafetivos etc);
- Investir em ferramentas e equipamentos (assinaturas em conjunto e compra de equipamentos), para uma Comunicação acessível e igualitária entre todas as Paróquias;
- Acolher os jovens na Pastoral da Comunicação das paróquias, confiando a eles responsabilidades e aproveitando sua criatividade e habilidades na tecnologia;
- Formar novos líderes e agentes de pastoral;
- Fortalecer a identidade cristã e missionária;
- Incentivar a descoberta e o discernimento das vocações;
- Promover formação litúrgica e doutrinária para os leigos.

#### **4 - LITURGIA E PIEDADE POPULAR**

“Celebrar é fazer memória viva dos grandes feitos do Senhor: é cantá-los, recitá-los, e recordá-los nos ritos e nas orações da Igreja. Nós cristãos, celebramos o Mistério Pascal de Cristo, sua vida, paixão, morte e ressurreição” (DGAE, n. 120).

“A piedade popular, para servir verdadeiramente à evangelização, além de enraizar-se nos símbolos e gestos que brotam da fé do povo, precisa inspirar-se na Sagrada Escritura, manter a centralidade de Jesus Cristo, integrar-se ao ritmo da liturgia da Igreja e não se desviar para práticas mágicas ou espiritualidades de mercado e outras manipulações” (DGAE, n. 126).

Indicações pastorais:

- Desenvolver processos de mistagogia que ajudem o povo a compreender o significado da fé celebrada;
- Capacitar ministros ordenados e pregadores para tornar as homilias mais acessíveis e contextualizadas;
- Adequar a linguagem das homilias às diferentes faixas etárias e realidades pastorais;

- Unificar os critérios para a recepção dos sacramentos entre as paróquias;
- Inserir os fiéis com ênfase nas crianças, adolescentes e jovens nos serviços litúrgicos da comunidade;
- Ampliar a participação juvenil nas leituras, preces e animação litúrgica;
- Criar celebrações que dialoguem com a realidade da juventude;
- Garantir espaços de protagonismo juvenil na vida e missão da Igreja;
- Intensificar a adoração ao Santíssimo Sacramento nas comunidades;
- Disponibilizar o sacrário para visitação e oração em horário comercial;
- Promover terços, novenas, vigílias e retiros espirituais com Incentivo da prática comunitária da *Lectio Divina*, com intuito de fortalecer grupos de oração como espaços de crescimento espiritual;
- Realizar eventos de espiritualidade e evangelização que favoreçam a experiência de fé;
- Celebrar missas nas residências das famílias;
- Levar celebrações para comunidades mais distantes e periféricas;
- Visita aos enfermos e pessoas impossibilitadas de participar das celebrações;
- Aproximar pessoas afastadas da vida comunitária;
- Descentralizar à Igreja, fortalecendo os vínculos comunitários e ampliar à presença evangelizadora;
- Melhorar às músicas litúrgicas, investindo em jovens músicos e maior cuidado com os cantos litúrgicos;
- Promover o discernimento adequado dos cantos utilizados na liturgia;
- Estruturar uma escola ou conservatório de canto litúrgico;
- Capacitar equipes de celebração para acolher melhor os participantes;
- Integrar visitantes à vida comunitária;
- Acolher migrantes por meio de iniciativas pastorais específicas;
- Oferecer celebrações em outros idiomas quando necessário;

- Garantir condições de participação para pessoas com deficiência;
- Promover formação continuada para agentes pastorais;
- Utilizar as redes sociais como instrumento de evangelização;
- Produzir conteúdos digitais voltados para jovens e pessoas afastadas, especialmente os que se afastaram no período da Pandemia;

## **5 - SERVIÇO À VIDA PLENA PARA TODOS**

“Cuidar da vida, em todas as suas manifestações, é uma dimensão fundamental da fé cristã. A missão da Igreja, de promover a dignidade humana e a justiça social exige um esforço para se efetivar nas dioceses, prelazias, paróquias e comunidades, o conhecimento e aplicação da Doutrina Social da Igreja, como decorrência da fé cristã” (DGAE, n. 130)

Indicações pastorais:

- Acolher sem julgar é um grande clamor das nossas comunidades. Acolhida é uma das palavras mais ditas nesta Assembleia;
- Preocupar-se com pessoas em situação de sofrimento, solidão e preconceito;
- Proporcionar iniciativas de terapia comunitária, de apoio terapêutico e jurídico para lidar com o sofrimento mental, incluindo propostas práticas como sopa comunitária e local para higiene pessoal para moradores de rua em parceria com o setor público;
- Realizar levantamentos demográficos para identificar e atuar junto aos “invisíveis” (moradores de rua, dependentes químicos, encarcerados, idosos isolados);
- Apoiar o desenvolvimento saudável das crianças, apoiar e acompanhar as gestantes (Pastoral da Criança);
- Retomar ou criar a Pastoral da Pessoa Idosa, pois percebe-se a necessidade de cuidar dos idosos, visitá-los, dar atenção a idosos solitários, acolher os membros dessa faixa etária em situação de vulnerabilidade e sofrimento, estabelecer diálogo com eles, ser presença de qualidade a seu lado;
- Vivenciar a prática ecológica no cotidiano. A “Casa Comum” deixa de ser um conceito e vira prática (criar a Pastoral da Ecologia Integral). Algumas ideias: cuidar dos resíduos e da reciclagem em festas e eventos da igreja é, em si, uma forma de evangelizar e dar

exemplo, conectando a fé ao cuidado com a natureza (*Laudato Si*); criar ecopontos; captar água da chuva; combater à dengue; plantar árvores e diminuir uso de veículos;

- Preparar a paróquia para cuidar das famílias com crianças atípicas (com membros autistas ou portadores de necessidades especiais);

- Cuidar das pessoas enlutadas;

- Ajudar dependentes de álcool e outras drogas e encaminhar para o Cristma, Pastoral da Sobriedade, Amor Exigente entre outros;

- Acolher mães solo, homossexuais e casais de segunda união;

- Acolher famílias com pais separados, por serem migrantes, estarem feridas, em crise, vulneráveis, carentes ou com pessoas doentes;

- Acolher os migrantes;

- Investir na preparação técnica e espiritual dos leigos para lidar com realidades sociais complexas (violência familiar, vícios);

- Fortalecer o serviço diaconal em cemitérios, hospitais e UPA's, oferecendo suporte espiritual e humano a enlutados e enfermos;

- Fortalecer a participação nas Missas que acontecem nos hospitais;

- Fortalecer a visitação dos leitos hospitalares pelos MECE's;

- Criar ou revitalizar a Pastoral do Migrante, Pastoral Carcerária e Pastoral dos Surdos;

- Investir no diálogo ecumênico e revalorizar a Campanha da Fraternidade;

- Superar o assistencialismo isolado através de parcerias com o poder público, conselhos municipais (assistência social, saúde e educação, especialmente) e setor privado;

- Apoiar projetos para criação de Centros-Dia para idosos;

- Fazer parceria com o SUS para divulgar ações de saúde, atendimento de psicoterapia com valor social, por exemplo;

- Manter diálogo com lideranças comunitárias como presidentes de bairros. Realizar incidência junto às autoridades políticas, cobrar políticas públicas, dialogar, fiscalizar direitos e combate à criminalidade;

- Criação da pastoral social, para estabelecimento de parcerias com o setor público e privado para fugir do assistencialismo pontual, em comunhão plena como CPP, com a disponibilização de informações à comunidade sobre acesso a serviços públicos;

- Ter clareza nos gastos paroquiais e nas decisões tomadas em conjunto com as lideranças;
- As paróquias maiores darem suporte financeiro e estrutural às menores;
- Destinar recursos financeiros para obras sociais e a Arquidiocese apresentar de modo pedagógico as instituições e pastorais sociais para que todos possam conhecê-las;
- Criar rede de comunicação entre as pastorais, movimentos, organismos e paróquias;
- Estruturar espaços permanentes de escuta e acompanhamento;
- Fortalecer a Pastoral da Acolhida nas comunidades;
- Desenvolver ações voltadas à saúde mental e ao apoio familiar;
- Intensificar a articulação entre pastorais sociais e organismos de promoção humana;
- Fortalecer ações de solidariedade, caridade e assistência aos mais vulneráveis;
- Ampliar a participação de grupos historicamente pouco assistidos;
- Fortalecer a cultura da escuta e da inclusão. Criar de espaços de escuta e cura para vítimas de violência, abusos e preconceitos;
- Dar respostas mais efetivas às necessidades humanas e sociais presentes no território. Atenção especial a mulheres, idosos, crianças, pessoas LGBTQIA+, pessoas em situação de rua, pessoas com deficiência e neurodivergentes e várias outras condições de vida e limitações (físicas, cognitivas, etc);
- Articular todas as iniciativas socioassistenciais por meio da Comissão da Ação Sociotransformadora.





